



PUC RIO

TEREZINHA FÉRES CARNEIRO

UM NOVO INSTRUMENTO CLÍNICO DE AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES

TESE DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, agosto de 1975

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Departamento de Psicologia


UM NOVO INSTRUMENTO CLÍNICO DE AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES

por

Terezinha Fêres Carneiro

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA



Lucia Maria Santos Ripper
Orientadora

Rio de Janeiro, Agosto de 1975



82

25090

Ao Marcio
que construiu comigo
a família seguinte

Agradeço,

- À Profa. Lúcia Ripper pela dedicação com que orientou e estimulou o desenvolvimento desta tese
- Ao Prof. Carlos Paes de Barros pelo interesse demonstrado na consultoria dada a este trabalho e pelas contribuições apresentadas
- À Profa. Hanna Kwiatkowska pelas sugestões propostas e pela disponibilidade que sempre demonstrou ao discutir o material aqui apresentado
- Ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, em particu - lar, a seu Diretor, Prof. Aroldo Rodrigues, pelo apoio e pelo estímulo demonstrados ao longo de toda minha formação profissional
- Aos membros da Equipe de Terapia Familiar da DIPA e a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho
- A Norma Soares pela paciência e pela eficiência com que cuidou de toda infra-estrutura gráfica da tese
- À CAPES pela concessão da bolsa que facilitou meus estudos no Curso de Mestrado
- A José Ibsen de Almeida por tudo que me permitiu aprender e pelo incentivo ao crescimento
- Aos meus pais e irmãos pelo convívio de carinho e pelo primeiro aprendizado sobre vida familiar.

SUMÁRIO

Este trabalho tem como objetivo a construção de um instrumento clínico de avaliação das relações familiares. O instrumento proposto, uma "entrevista estruturada", destina-se a provocar interações significativas sobretudo em duas áreas importantes da dinâmica familiar: a auto-estima dos membros da família e as regras familiares. Esta "entrevista estruturada" poderá ser utilizada com objetivos profiláticos e/ou terapêuticos, no atendimento clínico de famílias.

Apresentamos, inicialmente, uma fundamentação teórica da auto-estima e das regras, e da sua importância na vida familiar. Em seguida, elaboramos 14 tarefas destinadas a provocar interações significativas nestas duas áreas.

A aplicabilidade destas tarefas foi, mais tarde, verificada num contexto clínico, através do atendimento a seis famílias que procuraram a Divisão de Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia da PUC/RJ. Em função da discussão dos resultados obtidos, selecionamos seis tarefas que constituem o instrumento de avaliação das relações familiares, proposto neste trabalho. A validade deste instrumento deverá ser verificada posteriormente, através da realização de um estudo experimental com amostragem significativa e tratamento estatístico.

SUMMARY

The purpose of this study is the construction of a clinical instrument to evaluate family relationships. The aim of the proposed instrument, a "structured interview", is to elicit meaningful interactions in two important areas of family dynamics: self-esteem of the family members and family rules. This "structured interview" could be used for preventive and/or therapeutic purposes, in a clinical setting.

The first part of the study presents the fundamental theory relating the importance of self-esteem and rules to family life. Secondly a description of fourteen tasks, hypothesised as being capable of eliciting the desired interactions, is presented.

The applicability of these tasks was investigated in a clinical setting, by using them with six families who sought help at the Division of Applied Psychology of the Department of Psychology of PUC/RJ. On the basis of the results of this investigation six tasks were chosen for inclusion in the final instrument for evaluation of family relationships, proposed by this study. The validity of this instrument has to be further verified through empirical research with adequate sampling and statistical analysis.

ÍNDICE

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>CAPÍTULO I - AUTO-ESTIMA</u>	5
A - Conceito de Auto-Estima	5
B - Formação da Auto-Estima	6
C - Importância da Auto-Estima na Interação Familiar	15
<u>CAPÍTULO II - REGRAS FAMILIARES</u>	22
A - Família vista como um sistema	22
B - Conceitos de Regra e Meta-regra	27
C - Importância da Comunicação no Sistema Familiar	30
<u>CAPÍTULO III - ENTREVISTAS ESTRUTURADAS</u>	34
A - Os trabalhos de Satir e de Ford e Herrick	34
B - As tarefas propostas	38
<u>CAPÍTULO IV - O TRABALHO CLÍNICO</u>	58
A - Aplicação das tarefas a seis famílias selecionadas	58
B - Discussão dos resultados	101
<u>CONCLUSÕES</u>	120
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	131

INTRODUÇÃO

O objetivo de nosso trabalho será a construção de uma "entrevista estruturada" para ser utilizada no atendimento clínico de famílias. Considerando que o âmbito de intervenção da terapia familiar é a família vista como um todo orgânico, pretendemos propor um instrumento de avaliação para ser aplicado à família atendida em conjunto. Este instrumento, que tem como finalidade avaliar as relações familiares, será construído de forma a provocar interações significativas sobretudo em duas áreas que consideramos importantes na dinâmica familiar: a auto-estima dos membros da família e as regras familiares.

Terapeutas familiares como Virginia Satir, Hanna Yaxa Kwiatkowska, Frederick Ford e Joan Herrick e outros propuseram também entrevistas estruturadas para o atendimento de famílias.

Nossa motivação para a realização deste trabalho teve origem no conhecimento das técnicas propostas pelos autores acima citados e na utilização de algumas delas com famílias por nós atendidas. Aproveitando então a grande experiência dos mesmos, e baseados também na nossa experiência, pretendemos propor algo novo e adaptado à nossa realidade.

Uma vez feita a fundamentação teórica da importância das áreas por nós escolhidas (auto-estima e regras familiares), serão elaboradas tarefas procurando provocar interações nessas áreas. A aplicabilidade dessas tarefas será, em seguida, verificada num contexto clínico. Aquelas que julgarmos adequadas no sentido de provocarem as interações significativas desejadas, serão mantidas e constituirão o instrumento final de avaliação que pretendemos propor. As outras serão rejeitadas. O critério para esta seleção será baseado sobretudo no tipo de material conseguido, com cada tarefa, nas diversas famílias submetidas à aplicação das mesmas.

A "entrevista estruturada" que vamos propor, além de servir para avaliar as relações familiares, poderá ser utilizada com objetivos profiláticos e/ou terapêuticos - podendo ter uma finalidade em si mesma, ou ser parte de um tratamento.

A entrevista poderá ser aplicada com o objetivo de aclarar áreas conflitivas e fornecer, se for o caso, dados para o trabalho terapêutico, em qualquer caso de intervenção familiar, por exemplo:

a) com famílias saudáveis que necessitam apenas ter uma visão melhor do seu posicionamento;

b) em situações de crise familiar onde são necessárias medidas imediatas;

c) em "follow-up" de famílias, que já se submeteram à terapia familiar e cuja situação presente pretende-se avaliar;

d) em casos em que a família busca tratamento para um de seus membros, que está funcionando como depositário da patologia familiar, e esta situação precisa ser explicitada; etc..

Esperamos que o material obtido através da técnica por nós proposta, tenha uma função semelhante a de um psicodiagnóstico individual. Na entrevista estruturada que proporemos, assim como no diagnóstico psicológico clínico, estamos diante de uma situação "experimental", no sentido de que, deliberadamente, apresentamos, à família, determinados estímulos aos quais ela deverá responder e suas respostas serão avaliadas; o que é bem diferente da observação "naturalística" proposta, por exemplo, por Jules Henry (21) em sua "home visit" (terapia no lar), em que ele observa a família em seu "ambiente natural". Numa situação "experimental" estamos manipulando variáveis e esperamos obter dados significativos num período de tempo mais curto.

O instrumento que propomos nesta Tese é apenas um trabalho preliminar que deverá ser continuado mais tarde, sobretudo em dois sentidos:

a) na investigação de outras áreas da dinâmica familiar, que podem ser tanto ou mais importantes do

que aquelas às quais demos prioridade neste estudo (a auto-estima e as regras familiares);

b) na realização de um estudo experimental com amostragem representativa e com tratamento estatístico, em busca da validação do instrumento proposto como uma técnica específica capaz de acelerar o processo terapêutico.

CAPÍTULO I

AUTO-ESTIMA

A - Conceito de Auto-Estima -

Família é definida por Sorrells e Ford(43) como um conjunto de indivíduos, diferindo em papel, idade e atributos biológicos, mas tendo entretanto as mesmas necessidades e desejos fundamentais. Para eles, o "self" tem necessidade de sobrevivência e desejos de produtividade, intimidade, unicidade e de manter e impor sentido e ordem.

Sua definição de "self" coincide com a de Rogers: "um conjunto de percepções conscientes e de valores do eu" (38) e eles postulam que além das necessidades e desejos, o "self" possui também propriedades objetivas, como o auto-conceito. A dimensão mais saliente ao longo da qual o auto-conceito varia é a auto-estima ou auto-valorização.

Essa forma de definir auto-estima não nos parece muito clara. No nosso trabalho adotaremos a posição de Virginia Satir (40) que define auto-estima como: "os sentimentos e idéias que cada um tem de si mesmo".

A auto-estima é universal já que existe em todo ser humano. Toda pessoa tem um sentimento de valor

em relação a si mesma. Esse sentimento de valor pode ser positivo ou negativo.

Poderíamos relacionar auto-estima com o conceito de identidade de Erikson (15). Para ele identidade é concebida como "uma sensação subjetiva da mesmidade e continuidade vigorizantes". A formação da identidade é um processo que começa com a assimilação mútua e bem sucedida de todas as identificações fragmentárias da infância que, por sua vez, pressupõem conter com êxito as primeiras introjeções infantis. A formação da identidade depende portanto do desenvolvimento do Ego pois começa com a relação satisfatória com a mãe, em seguida com a família como um todo e, mais tarde, com a comunidade mais ampla. Identidade corresponderia assim à auto-estima.

B - Formação da Auto-Estima -

Para formar sua auto-estima a criança precisa integrar as mensagens recebidas dos pais que lhe dizem o que fazer com aspectos da vida tais como dependência, autoridade, sexualidade, etc..

Temos, em relação à formação da auto-estima, três possibilidades:

- a) auto-estima desorganizada;
- b) auto-estima organizada negativamente ou baixa auto-estima;

c) auto-estima organizada positivamente ou alta auto-estima.

a) Se as atitudes dos pais são incertas, as mensagens que a criança recebe deles serão igualmente confusas. Ela tenderá integrar o que foi apresentado a ela de uma maneira não integrada e, provavelmente falhará.

Não podemos deixar de salientar aqui que, assim como na formação da linguagem, do super-ego, etc., a formação da auto-estima depende não só dessa influência socializante, sobretudo da influência da família, mas também do aparelho receptor de cada indivíduo. Um comprometimento físico, neurológico por exemplo, poderia impossibilitar a organização da auto-estima, apesar da presença dos fatores externos necessários a essa organização.

b) Virgínia Satir (40) mostra como os pais com baixa auto-estima e pouca confiança um no outro, esperam que seus filhos aumentem sua auto-estima sendo uma extensão deles mesmos e realizando desejos e atitudes que eles não conseguiram realizar. Nesse contexto as crianças são levadas a aceitar papéis que seus pais estão querendo que desempenhem. É como esses papéis dizem respeito aos pais e não a elas, essa situação reforça a sua

baixa auto-estima.

A baixa auto-estima entretanto não é decorrente apenas de fatores interacionais. Há casos, por exemplo, em que defeitos físicos, surdez, mudez, cegueira, etc., são os responsáveis pela formação de uma baixa auto-estima no indivíduo, apesar da presença dos fatores interacionais considerados importantes.

c) Toda criança vem ao mundo numa situação de certo desamparo e aquilo de que necessita para sobreviver precisa ser dado ou ensinado a ela. Assim como necessita de ser alimentada e aquecida, necessita também de continuidade no relacionamento, ou seja da mesma pessoa dando-lhe alimento e calor.

Em seguida a criança aprende como influenciar e predizer as respostas dos outros e como estruturar o mundo. Com o auxílio da linguagem, ela aprende como diferenciar e classificar além do mundo do eu, da mãe, do pai. Dos pais ela aprende sobretudo como avaliar e predizer. Como diferenciar entre "bons" e "maus" comportamentos.

Satir (40) postula que a criança precisa desenvolver uma alta auto-estima em duas áreas:

a) Como uma "pessoa eficiente" ("masterful person");

b) Como uma "pessoa sexual" ("sexual person").

É apresenta duas razões para ter feito essa separação:

1º) Por existirem certas habilidades e atividades que não são necessariamente ligadas ao sexo da pessoa (tanto homens como mulheres aprendem a trabalhar, pensar, ler, resolver problemas, etc.).

2º) Porque, ao longo de sua experiência, percebeu que algumas pessoas podem ter uma alta auto-estima em uma área de personalidade e não a ter em outra (adultos podem ser capazes de se relacionar sexualmente com o outro sexo e incapazes de serem eficientes consigo mesmos ou com o ambiente e vice-versa).

Os pais precisam validar o crescimento de seus filhos e, segundo Satir, o fazem quando:

- percebem esse crescimento;
- comunicam verbalmente, ou não, que o perceberam;
- dão à criança a oportunidade de exercer a nova habilidade emergente de seu crescimento.

Essa validação precisa ser clara, direta e específica, e os pais devem ser capazes de reconhecer quando um estágio de desenvolvimento foi realmente atingido e não esperarem, por exemplo, que uma criança de 5

anos faça coisas próprias de uma criança de 8 e vice-versa.

Se os pais não validam uma habilidade da criança ou o fazem num momento inapropriado, ela terá dificuldades em integrar essa habilidade. Se, ainda, quando um dos pais valida as habilidades da criança, o outro contradiz essa validação, seu aprendizado será mais difícil e ela manifestará o que aprendeu de maneira inconsistente. É preciso uma comunicação congruente, clara e direta dos pais para que os filhos possam desenvolver uma auto-estima organizada positivamente.

Os pais podem então validar ou não validar uma habilidade de seus filhos. E ainda, quando validam, podem fazê-lo de forma adequada ou inadequada.

De uma forma ou de outra, a criança continuará buscando sempre o crescimento. Mas se determinada habilidade não é validada ou é validada inadequadamente, a criança pode, em consequência, segundo Satir (40), ter diferentes comportamentos:

- a) não se permitir manifestar a habilidade;
- b) manifestá-la secretamente;
- c) manifestá-la de forma distorcida ou disfarçada.

De qualquer forma isso permanece como um aspecto do "eu não importante" ou do "eu inadequado", e

a habilidade, ao contrário do que seria desejado, não contribuí para a formação de uma alta auto-estima na criança.

Para Satir (40) uma criança só desenvolverá alta auto-estima como pessoa sexual se ambos os pais validarem sua sexualidade.

A criança precisa identificar-se com seu próprio sexo e essa identificação deve incluir também uma aceitação do outro sexo.

A identificação sexual é o resultado de um sistema de aprendizagem de três pessoas. Os pais validam a sexualidade de uma criança não só pela maneira como a tratam como um "pequeno ser sexual" mas principalmente servindo como modelo de uma relação homem-mulher funcional e gratificante.

Poderíamos nos perguntar aqui o que acontece então quando uma criança perde um dos pais, já que necessita do modelo de ambos os sexos para desenvolver sua auto-estima como pessoa sexual.

Em uma certa medida, as crianças podem buscar no ambiente mais amplo aquilo que lhes está faltando na vida familiar. Nesse caso, podem usar tios, avós, irmãos mais velhos, professores, etc., como figuras substitutas.

Se os pais não forem capazes de validar um ao outro como pessoas sexuais, eles também não validarão a criança como ser sexual. Se eles estiverem em conflito um com o outro estarão também em conflito com a criança e ela receberá deles mensagens contraditórias sobre o que deverá ser e fazer.

Satir (40) ilustra sua colocação substituindo a interação familiar por uma série de perguntas que uma criança pode-se fazer. As respostas para essas perguntas formam, segundo ela, a base para a identificação sexual da criança.

- Como papai trata mamãe?
- Como papai me trata?
- Como papai me diz para tratar mamãe?
- Como mamãe trata papai?
- Como mamãe me trata?
- Como mamãe me diz para tratar papai?

Ao responder essas questões muitas contradições podem ser apresentadas pelos pais à criança. Diante da contradição a criança tentará explicar os fatos por si mesma e, frequentemente, chegará a conclusões in completas ou incorretas.

Poderá decidir, por exemplo, sobre a relação homem-mulher que:

- se um "está ferido", o outro "feriu"

- se um é "fraco", o outro é "forte"
- se um "perde", o outro "ganha"
- se um é "bom", o outro é "mau"

Essas conclusões dificultam o desenvolvimento da auto-estima da criança que pode rejeitar um dos pais e escolher o outro, e assim falhar em incluir um dos sexos como modelo.

A auto-estima de um menino como pessoa sexual sofrerá mais se seu pai parece o mais "ferido", "depreciado", "desvalorizado" na relação marital. O mesmo acontecerá com a menina se a mãe for vista assim. Toda via ambos necessitam da figura do pai do outro sexo e da relação pai-mãe para a formação de sua auto-estima como pessoa sexual. Através da observação e participação na relação conjugal cada filho vai derivar o conceito de "ser-em-relação-com-o-outro". O menino, identificar-se-á portanto não apenas com o pai, mas sobretudo com o pai-em-relação-com-a-mãe, aprendendo aí como os homens se relacionam com as mulheres.

Se os pais consistentemente mostram que eles consideram seus filhos como "pessoas eficientes" ("masterful persons") e "pessoas sexuais" ("sexual persons"), e se eles também vivem uma relação homem-mulher gratificante e funcional, a criança tende a adquirir alta auto-estima e tornar-se cada vez mais independente deles. Alta auto-estima e independência caminham juntos.

Gostaríamos de salientar aqui que, embora em uma certa medida, concordemos com a divisão que Satir faz de auto-estima como "pessoa sexual" ("sexual person") e auto-estima como "pessoa eficiente" ("masterful person") achamos que essa divisão é abstrata e teórica. No indivíduo esses dois aspectos são interligados e interdependentes, assim como podemos falar de uma vida psíquica afetiva, cognitiva e conativa, admitindo uma interligação e uma interdependência dessas três áreas. Consideramos a separação artificial também na medida em que a "eficiência" é exigida nas duas áreas, isso é, pelo "indivíduo" e pelo "ser sexual". Admitimos, entretanto, que embora abstrata, teórica e artificial essa separação pode ocorrer na prática em casos de desordens de personalidade. Podemos encontrar na experiência clínica muitos casos de executivos importantes e muito bem sucedidos (com alta auto-estima como "masterful person") todavia impotentes e incapazes de se relacionarem sexualmente (com baixa auto-estima como "sexual person").

Apesar dessa possível separação, no nosso trabalho, abordaremos o problema de auto-estima no seu aspecto mais global referindo-nos às "idéias e sentimentos que cada um tem de si", quaisquer que sejam os aspectos a que digam respeito.

Os pais que falham em validar as habilidades de seus filhos são, geralmente, insatisfeitos na relação marital e tão envolvidos em satisfazer suas próprias necessidades que não percebem as de seus filhos. Sua falha portanto, segundo Satir (40), é mais um ato de omissão.

C - Importância da Auto-Estima na Interação Familiar -

A auto-estima de um indivíduo influencia significativamente sua percepção do mundo, especialmente sua interação com as outras pessoas. Segundo Sorrells e Ford (43), um indivíduo com alta auto-estima pode encontrar alegria na afeição expressa a ele por outra pessoa e usar essa afeição para se aproximar da pessoa. Baixa auto-estima leva o indivíduo a duvidar da sinceridade da afeição, a suspeitar de estar sendo "explorado" ou a desacreditar da expressão de afeição.

As pessoas que se sentem desvalorizadas, como observa Satir (40), esperam a todo momento, ser depreciadas e prejudicadas pelos outros e, para se defenderem, escondem-se atrás de uma constante desconfiança. Quase sempre penetram num estado de solidão e isolamento, ficando também mais prẽ-dispostas a censurar e desaprovar os outros.

O medo pode aparecer como uma consequência dessa desconfiança e isolamento, mantendo a pessoa com baixa auto-estima longe dos riscos de novas maneiras papara solucionar os problemas e levando-as, muitas vezes, para a auto-destruição.

Uma pessoa com alta auto-estima, segundo Sorrells e Ford (43), assume responsabilidade por seus atos e sentimentos. Se, ao contrário, sua auto-estima é baixa, ela não consegue assumir essa responsabilidade e a delega a outros, passando a encarar suas ações como reações a ações dos outros. Trata-se, por exemplo, do indivíduo que está sempre se dizendo "fiz tal coisa" porque "ela se comportou assim" ou porque "ela falou isso", etc..

Alta auto-estima, levando a pessoa a confiar em sua própria capacidade, a torna capaz também de pedir auxílio aos outros, sem desmerecer seus próprios recursos.

Poderíamos falar de alguns pontos de contato entre o conceito de auto-estima e o conceito de maturação de Satir. Maturação seria o "estado em que o ser humano está completamente responsável por si mesmo". Uma pessoa madura é capaz de fazer escolhas e decisões baseadas na percepção de si mesma, dos outros e do contexto no qual se encontra; reconhece essas escolhas e decisões como sendo suas; e aceita responsabilidade por suas conse-

quências.

Os padrões de comportamento que caracterizam uma pessoa madura, Satir (40) chama de funcionais, porque eles a tornam capaz de comportar-se de maneira adequada em relação ao mundo em que vive. Tal pessoa:

- a) manifesta-se com clareza aos outros;
- b) mantém-se em contato com sinais do seu "eu" interno, deixando-se assim perceber mais abertamente o que pensa e sente;
- c) é capaz de ver e ouvir o que está fora dela como diferente dela e igualmente diferente de qualquer outra coisa;
- d) trata a presença de diferenças mais como uma oportunidade de aprender e explorar do que uma ameaça ou sinal de conflito;
- e) comporta-se em relação ao outro como alguém separado dele e único;
- f) lida com as pessoas e situações no seu contexto, mais em termos de "como elas são" do que em termos de "como gostaria ou esperaria que fossem";
- g) aceita responsabilidade pelas coisas que sente, pensa, ouve e vê, mais do que as nega ou atribui a outros;
- h) possui técnicas para transacionar abertamente o significado do dado e do recebido entre ela e os outros.

Satir chama de disfuncional ao indivíduo que não aprendeu a comunicar-se adequadamente. A pessoa disfuncional manifesta-se incongruentemente, emite mensagens conflitantes através de diferentes níveis de comunicação e usando diferentes sinais.

Dificuldade na comunicação está estreitamente relacionada com a auto-estima do indivíduo, não só na medida em que é preciso uma comunicação clara e direta dos pais para que os filhos possam desenvolver uma alta auto-estima, como também no sentido de que a baixa auto-estima leva a uma comunicação disfuncional.

Satir (40) postula ainda que quando duas ou mais pessoas estão envolvidas em planejar atividades ou objetivos comuns, oferecem uma amostra de como cada uma provê suas próprias necessidades e desejos e como provê as dos outros, e chama essa situação de dilema "self-outro". Na relação há sempre três elementos: o eu, o outro e o contexto, e cada indivíduo, de acordo com sua auto-estima, tende a combinar diferentemente esses elementos. São cinco as soluções possíveis:

a) Atitude aplacadora - o indivíduo elimina o elemento "eu", não se considera. Age para agradar ou aplacar o outro ao mesmo tempo em que se deprecia (atitude externamente demonstrada: "o que você quiser está ótimo"; "você tem sempre razão"; "estou aqui apenas para lhe

fazer feliz"; atitude internamente vivenciada: sinto-me como se fosse nada; sem ele eu morro; sou uma inútil).

b) Atitude acusadora - o indivíduo elimina o elemento "outro", não o levando em consideração. Demonstra essa atitude através de acusações ou ataques ao outro (atitude externamente demonstrada: "você nunca faz nada certo"; "você é mesmo um imbecil; atitude internamente vivenciada: "sou sozinho e mal sucedido").

c) Atitude racional - o indivíduo desconsidera o "eu" e o "outro", levando em conta apenas o "contexto" (atitude externamente demonstrada: "nesta situação o mais racional é ..."; "vamos ser objetivos"; atitude internamente vivenciada: "eu me sinto vulnerável").

d) Atitude irrelevante - o indivíduo desconsidera os três elementos. Suas palavras não fazem sentido e ele sente como se ninguém valesse à pena, nem mesmo ele (atitude típica do psicótico).

e) Atitude "saudável" - o indivíduo leva em consideração os três elementos. Essa atitude é consequente da formação de uma alta auto-estima e leva o indivíduo a um crescimento sempre maior.

Qualquer relação pressupõe um engajamento no sentido de um resultado comum, um acordo de que cada parte dará um pouco de seus próprios interesses para alcançar um benefício maior para ambos.

O processo usado para alcançar esse resultado depende da auto-estima das pessoas engajadas nele. Se a auto-estima de alguém é baixa, então qualquer sacrifício de si parece intolerável; é como se o processo fosse ser baseado em alguma forma de decidir "quem está certo", "quem vai ganhar", "quem é mais amado", "quem ficará louco", etc..

Satir (40) chama a isso de "síndrome da guerra" ("war syndrome") e coloca que é inevitável que a pessoa que age segundo essa síndrome fica enormemente prejudicada na sua habilidade para tomar informações e chegar a conclusões.

Baixa ou alta auto-estima não são geneticamente determinadas. Tais sentimentos são aprendidos e é basicamente, a família o lugar onde são adquiridos.

Cada palavra, expressão facial, gesto ou ação dos pais dá à criança uma mensagem sobre seu valor, sobre sua auto-estima.

Sentimentos positivos de valorização só podem florescer numa atmosfera onde as diferenças individuais são respeitadas, os erros e defeitos são tolerados, a comunicação é aberta e direta e as regras são flexíveis.

Pais com alta auto-estima, como vimos, são mais capazes de criar famílias adaptadas enquanto pais

com auto-estima baixa podem levar a família a uma desadaptação.

Portanto, encontrar maneiras de levantar a auto-estima dos pais é um ótimo primeiro passo para melhorar a situação familiar.

Se o sentimento de auto-valorização é aprendido, ele pode ser desaprendido e algo novo pode ser adquirido em seu lugar. Em qualquer momento da vida de uma pessoa ela pode começar a se sentir melhor em relação a si mesma. Essa mudança levaria também a uma modificação na dinâmica das relações familiares, proporcionando aos membros da família um crescimento mais sadio; pois como vimos a doença ou a saúde da família estão diretamente relacionados com a baixa ou alta auto-estima de seus membros.

CAPÍTULO II

REGRAS FAMILIARES

A - Família vista como um sistema -

O modelo sistêmico de interação familiar foi proposto por Jackson (22) ao apresentar o conceito de homeostase familiar, a partir de observações de famílias de pacientes psiquiátricos, que demonstravam, quase sempre, grandes mudanças de comportamento (depressões, angústias, somatizações, etc.) quando o paciente, em tratamento, obtinha melhora. Jackson postula que esses comportamentos eram mecanismos homeostáticos operando para restabelecer o equilíbrio do sistema familiar.

Cada família observada estaria, anteriormente, atuando de modo equilibrado, mesmo que pouco sadio, segundo suas formas habituais de interação, até que um de seus membros, com o tratamento, passa a modificar seu comportamento. Esta situação provoca um desequilíbrio no sistema familiar. Os outros membros da família são, então, levados a também modificar seu comportamento, em busca da restauração do equilíbrio perdido.

Para tornar mais clara a abordagem proposta por Jackson achamos importante definir alguns termos básicos da Teoria Geral dos Sistemas.

Hall e Fagen (20) definem sistema como "um conjunto de objetos com as relações entre os objetos e os atributos, em que os objetos são os componentes ou partes do sistema, os atributos são as propriedades dos objetos e as relações dão coesão ao sistema todo".

Para Bertalanffy (12) um sistema pode ser definido como "um complexo de elementos em interação". A interação significa que os elementos que ele chama de p estão em relações R , de modo que o comportamento de um elemento p em R é diferente de seu comportamento em outra relação R' .

Por outro lado, Katz e Kahn (25) afirmam que qualquer sistema pode ser definido como "uma entidade conceitual ou física, integrada por partes interrelacionadas, interagentes ou interdependentes". Os sistemas por sua vez podem constituir parte integrante de sistemas menores, cujas funções estão intimamente relacionadas com as funções do sistema maior. Segundo a posição que ocupam nesta escala hierárquica são classificados em sub-sistemas, sistemas propriamente ditos e suprasistemas.

Um sistema é, portanto, uma conexão de partes diferentes que interagem frequentemente de uma maneira complexa e onde várias causas combinam-se para dar um resultado final (14). Para entender um sistema

temos que encontrar as diferentes causas e como cada uma influencia o efeito total.

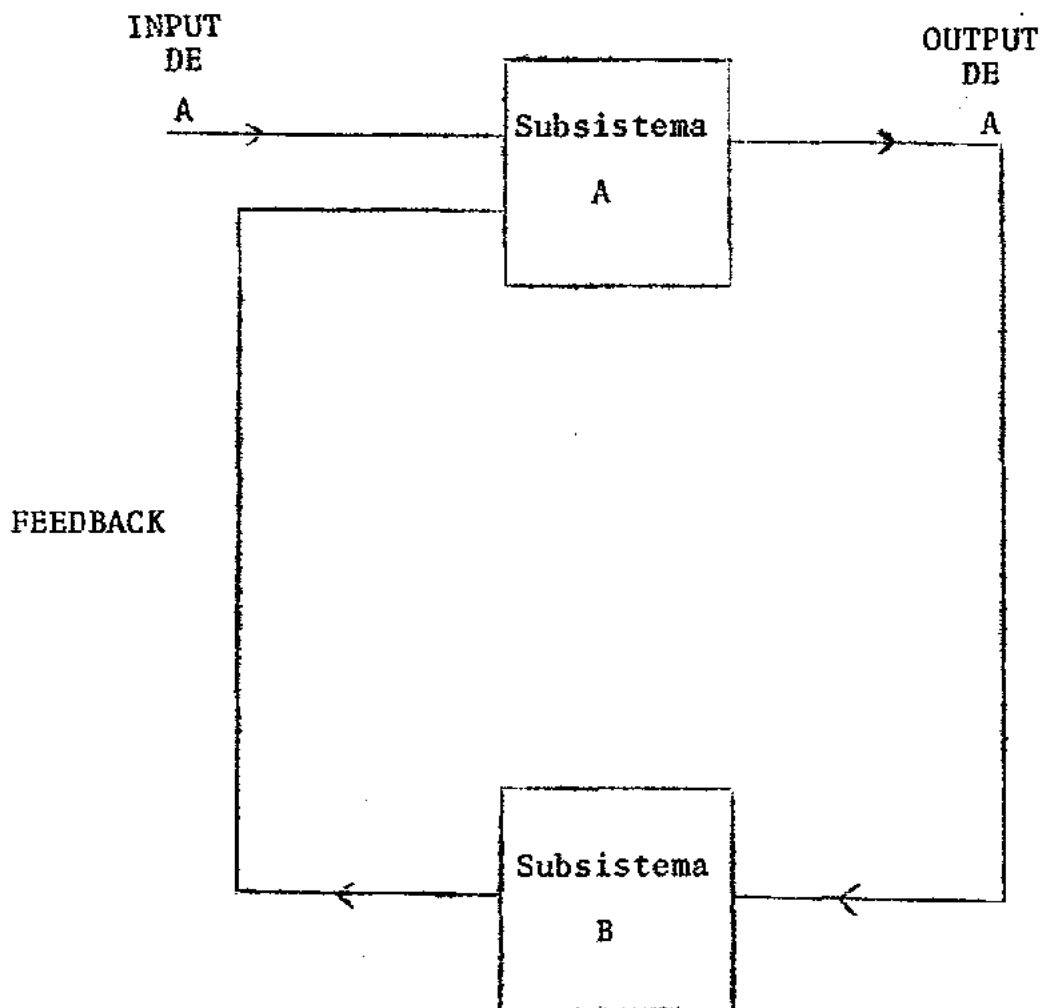
Para facilidade de tratamento, vamos representar um sistema através de um diagrama de blocos onde:

- cada objeto (elemento ou subsistema) componente do sistema, é representado por um bloco, onde se relaciona a entrada (input) com a saída (output);

- os blocos representam as relações entre causa e efeito nos elementos do sistema, sendo o input a causa e o output o efeito;

- os blocos são ligados entre si de maneira a representar a interação entre os elementos constituintes do sistema.

Neste contexto dizemos que ocorre um mecanismo de "feedback" quando um input é determinado, pelo menos em parte, pelo output, ou seja, quando uma parte da saída é reenviada de volta, como informação sobre o resultado preliminar da resposta, para a entrada (12).



Tanto o subsistema A como o B poderão ser desmembrados em outros subsistemas conforme a conveniência do nosso enfoque.

O feedback pode ser positivo ou negativo. O feedback negativo age no sentido da manutenção da estabilidade das relações entre os elementos do sistema. Ele é usado para diminuir o desvio das relações de um conjunto de normas ou tendências. No caso do feedback positivo a ação se faz no sentido de ampliar os desvios das

UNIVERSIDADE CATOLICA
14.676/16.10.75

relações, portanto no sentido da perda da estabilidade do equilíbrio.

Os sistemas com feedback negativo apresentam mecanismos homeostáticos que se referem à habilidade dos mesmos de manter as relações entre seus elementos bastante próximas dos valores desejados. O comportamento homeostático é encontrado numa grande variedade de sistemas dentro do corpo humano, como por exemplo, o sistema que controla a temperatura do corpo, o sistema de manutenção da pressão osmótica, do pH, etc..

Prigogine (35), acompanhando a terminologia de Defay, classifica os sistemas em "isolados" e não "isolados" e "abertos" e "fechados". Os sistemas "isolados" não trocam nem energia nem massa com o exterior, os sistemas "fechados" trocam "energia" mas não trocam massa e os sistemas "abertos" trocam tanto energia quanto massa com o exterior.

Bertalanffy (12) diz que "um sistema é fechado se nenhuma quantidade de matéria entra nele ou sai dele; e um sistema é aberto quando apresenta importação e exportação de matéria". Embora Bertalanffy aceite a classificação de Prigogine, em alguns momentos ele deixa de mantê-la e afirma que "a energia só é fornecida continuamente ao sistema se este for um sistema aberto" (12) (o grifo é nosso).

Por outro lado, Hall e Fagen (20) postulam que "um sistema é aberto quando transaciona com o meio que o envolve, e definem meio como "o conjunto de todos os objetos em cujos atributos uma mudança afeta o sistema e também daqueles objetos cujos atributos são mudados pelo comportamento do sistema".

Watzlawick, Beavin e Jackson (48) dizem que na medida em que os objetos possam ser indivíduos humanos, os atributos, pelos quais eles são identificados são comportamentos comunicativos e definem sistema interacional como "dois ou mais comunicantes no processo de definição da natureza de suas relações". O mais importante não é o conteúdo da comunicação mas o aspecto relacional da comunicação.

Os sistemas interpessoais, tais como o sistema familiar, podem ser vistos como circuitos de feedback negativo, constantemente regulados, na medida em que tendem a preservar seus padrões estabelecidos de interação, buscando sempre um equilíbrio. Esse equilíbrio é mantido pelas regras de interação familiar.

B - Conceitos de Regra e Meta-Regra -

Segundo Jackson e Riskin (23) as regras familiares referem-se aos tipos de interação permitidos entre os membros da família e devem ser compartilhadas por

pelo menos dois membros. Uma regra seria um indicador estabelecido ou um regulador para a ação ou a conduta.

Satir (41) postula que as regras constituem uma espécie de linguagem taquigráfica que se torna importante sempre que duas ou mais pessoas vivem juntas.

Toda família possui regras que regulam seu funcionamento. Essas regras estendem-se num contínuo, desde aquelas que são claramente conscientes para os membros da família, até aquelas das quais esses não têm consciência.

As regras são, portanto, mecanismos homeostáticos que permitem ao sistema familiar preservar seus padrões de interação fazendo com que ele busque sempre o equilíbrio.

Quando ocorrem irregularidades, isto é, quando as regras são desobedecidas, o equilíbrio é quebrado, e a família dispõe então de meta-regras, ou seja, modos habituais de restaurar as condições condizentes com as regras.

Sorells e Ford (43) definem meta-regras como "mecanismos homeostáticos atuando no sentido de minimizar o grau de mudança das regras de interação da família, face a pressões do meio ou dos membros individuais". Quando um membro da família tenta mudar os padrões exis

tentes de interação, a comunicação pode tornar-se, segundo Jackson (22), ineficiente. A quebra da comunicação, neste momento, pode estar servindo como um mecanismo homeostático impedindo uma mudança abrupta demais no sistema de relações da família.

Exemplificando, poderíamos citar uma regra familiar segundo a qual os pais não podem discutir diante dos filhos. Se um dos pais viola essa regra, iniciando uma discussão, um novo mecanismo homeostático, uma meta-regra, pode entrar em funcionamento: uma das crianças pode começar a chorar, chamando a atenção para si, ou pode haver uma mudança brusca de assunto, tornando a comunicação ineficiente, evitando assim que a discussão aconteça.

Gostaríamos de salientar aqui, que com o instrumento de avaliação das relações familiares, que vamos propor no nosso trabalho, não pretendemos identificar as regras de interação das famílias atendidas, o que nem sempre seria possível numa única sessão, mas levantar hipóteses diagnósticas sobre as regras familiares, numa tentativa de melhor entender a interação familiar. O aparecimento repetitivo de determinados tipos de comportamento, durante a sessão, em diferentes membros da família, possibilitar-nos-á o levantamento dessas hipóteses.

C - Importância da Comunicação no Sistema Familiar -

Para Watzlawick, Beavin e Jackson (48) todo comportamento, numa situação interacional, tem valor de mensagem; portanto todo comportamento dado em presença de outra pessoa é comunicação. Como não existe o não comportamento, é impossível para o indivíduo não comunicar. Mesmo quando não respondemos a uma pergunta que nos está sendo feita, estamos comunicando alguma coisa. O silêncio também é uma comunicação.

Satir (40) postula que a comunicação é o maior fator determinante do tipo de relação que se estabelece entre os indivíduos. Para ela toda comunicação entre duas ou mais pessoas, define a relação dessas pessoas.

A comunicação não só transmite informação como, ao mesmo tempo, impõe um comportamento. Segundo Bateson et al (6) essas duas operações são conhecidas como os aspectos de relato e de ordem, respectivamente, de qualquer comunicação.

Watzlawick, Beavin e Jackson (48) colocam que o aspecto "relato" de uma mensagem transmite informação e é, sinônimo, na comunicação humana, de conteúdo da mensagem. O aspecto "ordem", por outro lado, refere-se ao tipo de mensagem e como essa deve ser considerada; em última análise refere-se às relações entre os comunicantes. Esses autores fazem uma analogia com o que aconte

ce com o computador - que necessita de informação (dados); e informação sobre essa informação (instruções ou meta - informações) - e o que acontece na comunicação humana, quando analisamos a relação existente entre os aspectos de relato e de ordem. O primeiro transmite os dados da comunicação, o segundo como a comunicação deve ser entendida. Por exemplo, na comunicação - "arrume esse quarto; isso é um dever" - a primeira frase diz respeito ao aspecto relato, a segunda, ao aspecto ordem da comunicação. O aspecto ordem não precisa ser verbalmente explicitado, ele pode ser transmitido, por exemplo, no tom de voz utilizado no relato.

O aspecto de ordem da comunicação, sendo uma comunicação sobre a comunicação, é chamado de meta-comunicação. Meta-comunicar adequadamente é uma condição essencial da comunicação bem sucedida.

Portanto, na comunicação funcional, isto é, na comunicação que leva ao maior entendimento entre os comunicantes, esses dois aspectos ou níveis (relato e ordem) são congruentes, reforçam-se mutuamente. Quando esses níveis são incongruentes, a comunicação é desqualificada e paradoxal, tornando-se disfuncional. É o que acontece, por exemplo, na "dupla mensagem" enviada por uma mãe a seu filho, ao lhe dizer que está com muita raiva e muito aborrecida, ao mesmo tempo em que está sorrindo para ele.

Os efeitos do paradoxo na comunicação humana foram descritos inicialmente por Bateson et al (6) que estavam preocupados em pesquisar, em que medida, as experiências interpessoais estavam relacionadas com o diagnóstico de esquizofrenia, ou seja, em explicar a esquizofrenia não como um distúrbio, essencialmente, intrapsíquico, mas sobretudo como um distúrbio das relações do paciente com as outras pessoas. Eles postulam que "o esquizofrênico deve viver num universo onde as sequências de acontecimentos são de tal natureza que os seus hábitos comunicacionais não convencionais resultarão, em certo sentido, adequados". Esse tipo de interação tem características essenciais e foi denominada pelos autores acima citados, de "double-bind" ("duplo-vínculo"). Um outro exemplo de "duplo-vínculo" pode ser visto no comportamento da mãe que diz a seu filho para "comportar-se como um homem e dar sempre sua opinião", e quando ele o faz, ela o censura severamente, acusando-o de pouco amável e desleal.

Como vimos, não só a auto-estima de cada membro da família é um fator importante, que influencia de forma significativa sua interação com as outras pessoas, como também as regras familiares são muito influentes na determinação dos tipos de relação que se estabelecem na dinâmica familiar.

As tarefas que proporemos a seguir, para serem usadas em entrevistas com famílias, pretendem provocar interações que possam nos dar dados importantes sobre a auto-estima dos membros e sobre as regras de interação familiar, tendo em vista a importância dessas áreas no estabelecimento de relações sadias entre os membros da família. No estudo, tanto da auto-estima, como das regras, a comunicação entre os membros da família é um fator importante que também será levado em conta na proposição das tarefas.

CAPÍTULO III

ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

A - Os Trabalhos de Satir e de Ford e Herrick -

Nossa motivação para construirmos uma entrevista padronizada, para ser utilizada no tratamento de famílias, teve origem no estudo dos trabalhos de Virginia Satir e nos de Frederick Ford e Joan Herrick; por isso achamos importante apresentar aqui as entrevistas propostas por esses autores.

Satir utiliza a seguinte entrevista estruturada (43):

1. "Qual o maior problema de sua família no momento?"

Essa pergunta é feita a cada membro da família individualmente e depois é apresentada como tema de discussão para a família em conjunto.

2. "Planejem algo que todos possam fazer em conjunto".

O pedido é feito à família como um todo e, em seguida, é repetido para diferentes segmentos da família (os pais, as crianças, os homens, etc.).

3. "Como, de todas as pessoas do mundo, logo vocês foram se encontrar e se unir?"

Essa pergunta é dirigida aos cônjuges.

4. "Cada membro deve escrever, nesse cartão, o maior defeito, na sua opinião, da pessoa à sua esquerda".

São distribuídos cartões e lápis para a família, que é disposta em ordem cronológica decrescente. O terapeuta, em seguida, recolhe os cartões e os lê, preservando o anonimato, e cada membro deve "votar" a quem cada item mais se aplica.

5. "Cada membro deve especificar qual é, na sua opinião, o seu maior defeito".

O procedimento anterior é repetido.

6. "Quem toma conta dessa família?"

Essa pergunta é dirigida a cada indivíduo.

7. "Qual dos filhos é mais parecido com o senhor?" "Qual é mais parecido com a senhora?"

Essa pergunta é dirigida a cada um dos genitores.

8. "Com qual dos pais (pai ou mãe) você se acha mais parecido?"

9. "Em que é parecido com o outro (mãe ou pai)?"

10. "Em que é mais diferente do primeiro (o escolhido como mais semelhante)?"

As perguntas 8, 9 e 10 são dirigidas a cada um dos filhos.

11. "Em que vocês são mais parecidos?"

12. "Em que são mais diferentes?"

As perguntas 11 e 12 são dirigidas aos cônjuges.

A entrevista é finalizada com um retrospecto relativamente não estruturado.

A entrevista padronizada proposta por Ford e Herrick (17) faz uso de video-tape e é composta de seis tarefas:

Tarefa 1: "Diga quem é você".

É um pedido para que a pessoa se descreva a si mesma e essa descrição possa servir para fazer uma ponte com o resto da entrevista e das entrevistas.

Tarefa 2: "Diga o que você mais gostaria de mudar em sua família".

É uma maneira de perguntar à família o que está "errado", sem se fazer um julgamento de valor.

Tarefa 3: "Como uma família, discutam a resposta dada à última tarefa e cheguem a alguma conclusão".

Essa tarefa pretende mostrar se os membros da família podem conversar uns com os outros, se podem falar ou não, sobre suas semelhanças e diferenças e se podem chegar a uma síntese dos vários pontos de vista.

Tarefa 4: "Diga o que você mais gostaria de mudar em você".

Espera-se o mesmo que na Tarefa 2, só que em relação a cada indivíduo.

Tarefa 5: "Diga o que você mais gosta em você".

Essa é a tarefa que mais provoca ansiedade. É uma maneira de descobrir que coisas boas alguém se permite dizer sobre si mesmo.

Tarefa 6: "Diga-nos quem pode ver o videotape desse encontro familiar".

Originalmente essa tarefa tinha o objetivo apenas de pedir à família permissão para mostrar o videotape a outros profissionais. Todavia, segundo seus autores, ela se tornou útil também para mostrar a maneira co

mo a família lida com o mundo externo e sua capacidade de confiar nas outras pessoas.

B - As Tarefas Propostas -

Aproveitando a longa experiência dos autores acima citados, no trabalho com famílias, e baseados também na nossa experiência nesse campo, gostaríamos de propor uma "entrevista estruturada" para ser utilizada com famílias atendidas em conjunto. Nossa experiência no trabalho com famílias teve início em 1971, com a utilização da técnica de Arte-Diagnóstico Familiar, de Hanna Yaxa Kwiatkowska (26) - uma entrevista familiar estruturada, que faz uso de meios gráficos, combinando expressão verbal e não verbal - estendendo-se a partir de 1973 a um trabalho de Terapia Familiar.

Pretendemos construir um instrumento adaptado à nossa realidade, procurando provocar interações significativas em sobretudo duas áreas da dinâmica familiar - auto-estima e regras familiares - e utilizando principalmente estímulos e técnicas verbais.

Inicialmente vamos propor 14 tarefas cuja aplicabilidade será, em seguida, verificada num contexto clínico. Aquelas que se mostrarem úteis no sentido de provocarem interações importantes esperadas, serão mantidas e constituirão um instrumento final de avaliação das relações familiares, ou seja, a "entrevista estruturada" que

pretendemos propor.

A linguagem por nós utilizada nas tarefas será, propositadamente, bastante corriqueira, para que fique mais fácil para os membros da família, principalmente para as crianças, entenderem o que está sendo pedido e participarem mais efetivamente. Acreditamos também que essa linguagem torne a entrevista menos ameaçadora, chegando até a ter "jeito de brincadeira", deixando assim os membros da família mais à vontade e mais "livres" para falarem de seus sentimentos.

Gostaríamos de salientar também que, dependendo das respostas dadas pela família às situações propostas, essas respostas podem ser melhor elucidadas à medida em que forem ocorrendo, numa tentativa de esclarecer o que tenha ficado confuso, incompleto ou obscuro.

Tarefa 1: "Vamos imaginar que vocês vão passar as próximas férias juntos. Imaginem que todos vocês poderão tirar um mês de férias, na mesma época, para fazer o que vocês quiserem.

Gostaria que vocês planejassem agora, em conjunto, como vão ser essas férias".

Essa tarefa poder-nos-á dar uma indicação não só sobre a auto-estima dos membros da família, como também sobre as regras do funcionamento familiar.

Poderemos observar como cada membro da família, de acordo com sua auto-estima e sua capacidade de relacionamento, satisfaz suas necessidades e desejos e as necessidades e desejos dos outros; quem se permite dar sua opinião e fazê-la valer; quem se comunica de forma clara e funcional, quem se recusa opinar, etc..

A partir da maneira como atuarem, enquanto grupo, poderemos observar as regras familiares; quais são as atitudes "permitidas" pela família; em que medida as "semelhanças" e "diferenças" são respeitadas; quem lidera; até que ponto são capazes de chegar a uma conclusão conjunta; etc..

Tarefa 2: "Todo mundo, de vez em quando, faz coisas que, naquele momento, não dizem respeito às outras pessoas, por exemplo, o papai lê o jornal, a mamãe fica ocupada com as coisas da casa, as crianças brincam, etc.. Como é que você se sente quando isso acontece? Ou seja, a mamãe como se sente quando o papai está lendo o jornal? O papai como se sente quando a mamãe está ocupada? Os pais como se sentem quando as crianças estão brincando?

O mesmo é perguntado aos filhos em relação aos pais."

A questão é dirigida a cada membro da família, separadamente, e as respostas esperadas são individuais.

Como já vimos, a auto-estima do indivíduo influencia de modo definitivo a sua percepção do mundo e a sua interação com as outras pessoas.

Achamos que pessoas com baixa auto-estima tendem a reagir diante dessa situação, colocada por nós na entrevista, como se o outro não gostasse de sua companhia e a tivesse rejeitado. A mulher sente, por exemplo, que o marido está lendo jornal, não por uma motivação dele para tal, mas como se ela fosse o alvo que ele pretende atingir, enviando uma mensagem de abandono ou rejeição. É como se fosse difícil também se estabelecessem barreiras entre as pessoas, que acabam ficando sem o seu lugar, sem autonomia.

Por outro lado, uma pessoa com alta auto-estima seria capaz de ver a mesma situação de forma distinta, sem interpretar o fato de o marido, por exemplo, estar lendo jornal como uma mensagem de abandono, de falta de afeto ou de rejeição dirigida a ela.

A baixa ou alta auto-estima será em grande parte responsável pela maneira como as pessoas vão perceber a realidade que as cerca e como vão interagir com os outros. Dependendo do tipo de sentimento descrito pelos pais e pelos filhos diante da situação proposta, poderemos ter dados importantes sobre a auto-estima de cada um.

Cabe entretanto aqui uma ressalva. Sabemos que existem situações em que, por exemplo, o marido que, passa o tempo todo, em que está em casa, lendo jornal, esteja mandando, realmente, uma mensagem de rejeição para a mulher. Essa mensagem é percebida como tal, não por um problema de baixa auto-estima da esposa, mas por ser uma situação de fato. Dependendo dos dados, sobre as relações familiares, que forem trazidos na entrevista, o terapeuta poderá ter condições de discriminar entre estas duas situações.

Tarefa 3: "Quando você está fazendo alguma coisa, por exemplo, pegando um objeto que está muito alto, ou empurrando um móvel pesado, ou fazendo um dever de casa,... e fica difícil terminar essa tarefa sozinho, o que você faz: chama alguém para ajudar, faz a coisa de qualquer jeito, desiste,...?"

Os autores que consultamos e a nossa experiência clínica, no trabalho com famílias, nos mostraram que à medida em que as pessoas podem valorizar-se mais, elas se tornam mais capazes de pedir ajuda. Acreditamos que um indivíduo, com alta auto-estima, pede ajuda sem desmerecer seus próprios recursos. Nas famílias que atendemos para tratamento, pudemos observar que os membros mais desvalorizados eram sempre aqueles que tinham mais dificuldade de buscar ajuda do outro, provavelmente por

se acharem "valendo pouco", ou por sentirem que eles "te-
riam" que ser capazes de fazer tudo por si mesmos pois,
não sendo capazes, estariam dando uma demonstração de
sua fraqueza, envergonhando-se disso. Em geral, quando
esses membros conseguiam fazer um pedido de ajuda, esse
não era devidamente explicitado e o outro nem o percebia
como tal.

Achamos interessante apresentar esse tipo de
situação à família para ver se seus membros se permitem
pedir ajuda, quem pede e como pede, e a partir daí poder-
mos ter dados a respeito da auto-estima de cada um.

Tarefa 4: "Que planos vocês (pais) têm para o
futuro de seus filhos? Por que esses planos?

O que vocês (filhos) acham disso?"

Somente depois que os pais respondem à pri-
meira parte da tarefa, dirigida a eles, é que fazemos a
pergunta dirigida aos filhos.

Satir, ao relatar sua experiência como tera-
peuta de família, mostra como os pais, com baixa auto-es-
tima, esperam que seus filhos aumentem sua auto-estima
sendo uma extensão deles mesmos, realizando coisas que
eles não conseguiram realizar. Zinner e Sharipo referem-
se a uma "delineação defensiva" ("defensive delineation")
do filho pelos seus pais, em que o filho é visto como ten

do qualidades que os pais recusam admitir em si mesmos (9).

Na nossa experiência clínica pudemos também constatar este tipo de situação e, para ilustrar, poderíamos citar o exemplo de uma família, atendida por nós, cuja mãe sentia-se muito desvalorizada no início do tratamento e, nessa época, buscava uma realização através dos filhos, tendo em relação a eles, uma expectativa e um nível de exigência muito altos. Depois de 10 meses de tratamento, quando sua auto-estima já estava bem mais alta, sua expectativa em relação aos filhos diminuiu e estes já podiam desempenhar os papéis que lhes cabiam, sem se sentirem tão exigidos pela mãe.

Na medida em que pais com baixa auto-estima procuram uma realização através de seus filhos, eles estão colaborando para a formação de uma baixa auto-estima nesses últimos também.

Com essa pergunta pretendemos ver se, o que os pais planejam para os filhos, são coisas que eles, pais, não conseguiram fazer, e estão buscando assim uma realização vicária através dos filhos. A reação dos filhos, diante da expectativa dos pais, poderá também nos dar uma indicação sobre o quanto eles se sentem como pessoas autônomas ou o quanto eles são usados como fortalecedores da auto-estima dos pais; em que medida aceitam ou não os papéis que os pais estão querendo que eles desempenhem.

Tarefa 5: "Imagine que um amigo (ou uma amiga) combina sair com você e não aparece. No dia seguinte ele (ou ela) o procura para se justificar, mas antes, quer saber o que você achou que tivesse acontecido, ou seja, o que você imaginou como motivo para que ele não tivesse vindo.

Gostaria agora que você dissesse qual foi o motivo que você imaginou para seu amigo (ou amiga) não ter vindo".

Numa certa medida, desconfiança e baixa auto-estima tendem a estar juntas. Satir mostra como as pessoas desvalorizadas esperam a todo momento serem prejudicadas pelos outros e buscam o isolamento. A baixa auto-estima leva o indivíduo a desacreditar e a suspeitar do outro.

Criando esse tipo de situação, pretendemos ver, em que medida, o sujeito vai atribuir, a não vinda do outro, a um motivo diretamente relacionado com ele, sentindo-se o alvo da situação, sentindo-se abandonado ou rejeitado; em que medida o sujeito será capaz de confiar, de acreditar nos motivos do outro, apesar de ter podido ficar aborrecido ou desapontado com a sua não vinda.

Poderemos, então, inferir alguns dados sobre a auto-estima dos membros da família.

Tarefa 6: "Como é um fim de semana da família?"

Essa tarefa poder-nos-á mostrar uma série de dados importantes relacionados sobretudo com as : regras familiares, a comunicação entre os membros da família e sua interação.

Tentaremos dirigir o material, à medida em que nos for dado para pesquisarmos a respeito da relação dos pais, pois essa foi a forma mais descompromissada que encontramos para fazê-lo.

Já vimos que a criança necessita, para identificar-se com seu próprio sexo, que os pais sirvam como modelo de uma relação homem-mulher funcional e adaptada.

Um fim de semana da família poder-nos-á mostrar que tempo é alocado ao casal, enquanto casal; como é que cada um se valoriza na relação marital; se interagem como marido e mulher ou se vivem em função dos filhos, desempenhando apenas o papel de pais.

Outros dados importantes sobre a maneira como os membros da família se comunicam e interagem poderão ser obtidos e pesquisados nesta situação, embora nosso objetivo principal, ao propormos a tarefa, seja o de fazermos uma avaliação da relação marital.

Tarefa 7: "Gostaria de saber como vocês dividem as tarefas nesta família, ou seja, que coisas vocês (filhos) já fazem sozinhos e que coisas vocês (pais) ainda precisam fazer por eles (filhos)?"

Esta tarefa é dada à família como um grupo e não exige respostas individuais.

Independência e alta auto-estima também caminham juntas, na medida em que o fato de os pais serem capazes de validar o crescimento de seus filhos, colabora para uma auto-valorização positiva destes. Aceitar que os filhos já são capazes de fazer coisas por si mesmos, é aceitar que eles estão crescendo e se tornando independentes de seus pais.

Muitos pais necessitam dessa dependência para se sentirem úteis e importantes. Isso em geral acontece com os pais cuja auto-estima é baixa. Essa atitude dos pais tem como consequência a formação de uma baixa auto-estima também nos filhos.

Nesse tipo de tarefa poderemos observar se aquilo que os pais estão ainda fazendo pelos filhos são coisas que os filhos não podem fazer por si mesmos, ou se são uma maneira dos pais impedirem seu crescimento, encorajando a dependência e colaborando assim para a formação de sua baixa auto-estima.

Tarefa 8: "Diga de que coisas você mais gosta em você".

Essa é uma das seis tarefas propostas por F. Ford na sua primeira entrevista com famílias, em que ele usa video-tape. Ford explica que essa é, das seis, a tarefa que provoca mais ansiedade nos membros da família. É, segundo ele, "uma forma de descobrir que coisas boas, é permitido a alguém dizer, a respeito de si mesmo e inferencialmente, o que cada pessoa se permite dizer de acordo com seu superego. Essa tarefa nos diz muita coisa sobre o que é permitido pela família e pelas regras pessoais" (17).

Achamos também que essa tarefa dar-nos-á, numa certa medida, indicações sobre a auto-estima dos membros da família, pois, definimos auto-estima como "os sentimentos e idéias que cada um tem de si mesmo". O indivíduo que consegue ver coisas boas em si, que consegue gostar de si mesmo, tem um sentimento de valor positivo em relação a si, ou seja, uma alta auto-estima.

Tarefa 9: "Quando você chega em casa, do trabalho, do colégio ou das compras, você costuma contar como foi o seu dia?"

Que tipo de coisa você prefere contar e como você acha que os diferentes membros da família recebem o que você conta?"

Essa pergunta pretende verificar se os membros da família só se permitem falar sobre as suas realizações boas e seus êxitos, ou se as coisas ruins e os insucessos também podem ser comentados.

Em muitas famílias, existe um tipo de regra segundo a qual, as pessoas podem apenas falar sobre o bom, o certo, o apropriado, o relevante, segundo a definição de cada família.

Como nas experiências vividas pelas pessoas, tanto pelos adultos, como pelas crianças, o ruim, o inapropriado, o irrelevante também estão presentes, esse tipo de regra impede o crescimento dos membros da família e perturba o bem estar familiar.

Como resultado, algumas crianças são levadas a mentir, outras a evitarem o contato com os pais e, pior ainda, quase todas desenvolvem uma baixa auto-estima, que se traduz por sentimentos de abandono, hostilidade e solidão.

O que estaremos tentando observar é se, na família, há lugar para todo tipo de experiência que seus membros possam viver, ou se as regras familiares impedem a explicitação de determinadas vivências como, por exemplo, das experiências desagradáveis.

Tarefa 10: "Imagine que você estava discutindo com uma pessoa qualquer de sua família, num quarto da sua casa. Em seguida, alguém chama por você, e quando você vai passar para um outro quarto, a pessoa, com quem estava discutindo, lhe dá um empurrão. O que você faz?"

Com essa situação pretendemos observar se as regras familiares permitem a expressão dos sentimentos, quaisquer que sejam eles; mais especificamente se permitem a expressão do sentimento de raiva.

Para muitas pessoas é difícil aceitar que a raiva seja uma emoção humana necessária em algumas situações. Como a raiva, algumas vezes, leva a ações destrutivas, acredita-se que a raiva, em si mesma, seja destrutiva.

Na situação criada por nós, a pessoa empurrada pode ter se sentido atacada, não gostada, ferida e, ter vivenciado sentimentos de raiva.

Se as regras familiares permitem perguntas e a livre expressão dos sentimentos, ela poderá expressar-se honestamente, dizendo para o outro quão triste ficou, falando da sua raiva e perguntando como ocorreu de ser empurrada.

Se, ao contrário, as regras não permitem perguntas, a pessoa empurrada pode apenas imaginar o porque de isto ter ocorrido e fazer então uma "falsa" imaginação.

O empurrão pode significar muitas coisas: "ela está com raiva de mim", "ela não gosta de mim", "ela está frustra da consigo mesma", etc..

O dado importante que estaremos tentando observar é a possibilidade da livre comunicação, da livre expressão da raiva. Muitos pais ensinam às crianças que brigar é ruim, que é ruim ferir outras pessoas. Raiva causa briga, logo raiva é ruim. Esses pais pretendem fazer de seus filhos "crianças boas", "banir sua raiva". Segundo Satir (41) é difícil avaliar quanto dano esse tipo de ensinamento pode causar à criança.

É importante que os membros da família possam acreditar que a raiva é uma emoção humana natural, podendo assim respeitá-la, admití-la livremente e aprender diferentes maneiras de usá-la.

Quando o indivíduo entra em contato com seus sentimentos de raiva e os comunica claramente e com honestidade à pessoa envolvida, ele dá vazão a uma grande parte de sua necessidade de agir destrutivamente.

Tarefa 11: "Cada um de vocês vai escolher uma ou várias pessoas da família, pode ser qualquer pessoa, e vai fazer alguma coisa para mostrar a esta pessoa que você gosta dela, sem dizer uma palavra".

Pretendemos com essa tarefa abordar uma área importante da vida familiar que é a afeição entre os membros da família.

Muitas famílias desenvolvem regras contra qualquer tipo de afeição. Como nos mostra Satir (40) muitos pais sentem que depois que suas filhas atingem os 5 anos eles não devem mais acariciá-las, pois isso é sexualmente estimulante. O mesmo acontece, embora em grau menor, com as mães e seus filhos. Muitos pais também recusam mostrar afeição aberta por seus filhos porque afeição entre homens é tomada como falta de masculinidade ou como homossexualidade. Esses pais são levados a negligenciar o afeto e a ter muitos tabus sobre sexo, evitando as manifestações físicas de carinho. Nesse clima, o potencial afetivo dos membros da família não é satisfeito, pois as regras familiares sobre afeto são misturadas com tabus sobre sexo.

Diante dessa situação, poderemos observar em que medida o contato físico, como manifestação de afeto, é permitido pelas regras familiares.

Tarefa 12: "Quando a gente está em grupo, muitas vezes concorda com as coisas que as outras pessoas fazem, outras vezes discorda. Cada um de vocês vai tentar lembrar agora de uma situação em que discordou de uma pessoa da família.

Como foi essa situação?

O que você fez (nessa situação)?"

As questões são dirigidas, individualmente, a cada membro da família, podendo entretanto haver uma interação entre eles ao darem suas respostas.

Esta tarefa poder-nos-á dar um material tanto em relação à comunicação dos membros da família e sua auto-estima, como em relação às regras familiares.

Tentaremos observar se as regras permitem contestação, confrontação, discordância.

Em muitas famílias apenas os pais podem discordar abertamente dos filhos ou apenas os mais velhos dos mais novos, ou vice-versa, o que prejudica a interação familiar e o crescimento individual de cada membro.

Muitas vezes também, por uma dificuldade de comunicação entre os membros da família, a discordância não é adequadamente explicitada e as pessoas envolvidas não conseguem sequer perceber o ponto de vista do outro.

Se as regras familiares impedem a livre expressão de sentimentos e opiniões, as diferenças individuais não são respeitadas e o crescimento de cada membro, principalmente a formação de sua auto-estima ficará negativamente comprometida.

Por outro lado, na medida em que algum membro da família tenha uma baixa auto-estima, isto poderá impossibilitá-lo de discordar abertamente dos outros.

As famílias não funcionais tentam suprimir as idiossincrasias de seus membros e "negar" a individualidade de cada um. As diferenças individuais ao invés de serem encaradas como um recurso são vividas como um obstáculo.

Tarefa 13: "Cada um de vocês vai imaginar que é um "caldeirão". Gostaria que me dissessem o que há dentro desse "caldeirão". Vocês podem imaginar qualquer tipo de coisa. Cada um vai dizer o que pode haver dentro do seu "caldeirão"."

Virginia Satir (41) ao fazer considerações sobre auto-estima, fala de um "caldeirão de ferro" ("iron pot") que havia na fazenda de Wisconsin onde passara sua infância. Num determinado período do ano o "caldeirão" ficava cheio de sabão feito por sua mãe; no verão guardava uma espécie de cozido; em outra época do ano armazenava adubo, que seu pai usava nas flores. Todos o chamavam de "o caldeirão dos 3 S" ("soap", "stew", "store"). Sempre que alguém queria usá-lo tinha que se preocupar com aquilo de que estaria cheio. Conversar sobre o que havia no "caldeirão" era uma espécie de "folclore" da família.

Numa ocasião, os membros de uma família, atendida por Satir, estavam com dificuldade de falar sobre seus sentimentos em relação uns aos outros e ela lhes contou a estória do "caldeirão". Segundo a autora, logo os membros da família estavam falando sobre seus próprios "caldeirões" individuais; se eles continham sentimentos de valorização ou de culpa, de vergonha ou de inutilidade.

Acreditamos que perguntar aos membros de uma família o que contém o "caldeirão" de cada um é uma forma de ajudá-los a falar de seus sentimentos em relação a si mesmo, daquilo que têm por dentro. Alguém que fala, por exemplo, de seu "caldeirão vazio", falaria do seu vazio interno, da sua desvalorização. Falar de um "caldeirão" cheio de coisas boas e úteis seria falar de seu sentimento de valor positivo, de adequação.

As respostas que esperamos para essa pergunta são respostas concretas, mas mesmo assim, achamos que elas podem dar muitas indicações sobre a auto-estima dos membros da família.

Gostaríamos de salientar ainda que esse tipo de tarefa não faz parte da "primeira entrevista" utilizada por Satir no seu trabalho de terapia familiar, tendo sido usada por ela apenas numa ocasião, em que contou para a família, em atendimento, a estória do "caldeirão" de sua infância.

Tarefa 14: "Vocês agora vão se cumprimentar por causa do sucesso do trabalho das outras pessoas".

A intenção dessa tarefa é a de dar à família uma ordem confusa mas, ao mesmo tempo, passível de ser executada.

O que queremos observar é a reação dos membros da família diante de uma mensagem sem muita lógica e pouco clara. Eles poderão executá-la sem discutir ou tentarão entender melhor o que está sendo pedido.

Poderemos inferir, a partir daí, alguns dados importantes sobre a maneira como lidam com os "mal entendidos", com os "não ditos", com as "mensagens truncadas", etc., que tanto prejudicam o desenvolvimento sadio dos membros da família e sua interação grupal.

Qualquer que seja a reação dos membros da família, depois de a termos observado, assumiremos para eles que o pedido que fizemos foi confuso, mas que isso fazia parte do objetivo de nossa entrevista. Queríamos, exatamente saber como cada membro se comportava diante de uma ordem não muito clara, ou seja, o que cada um fazia quando lhe era pedido alguma coisa que não entendia muito bem.

Com essa explicação estaremos evitando o risco de funcionarmos, para a família, como um modelo de comunicação não funcional, quando o que se espera dos te

rapeutas é justamente o contrário, isto é, que se comuni
quem de forma clara, congruente e funcional.

CAPÍTULO IV

O TRABALHO CLÍNICO

A - Aplicação das tarefas a seis famílias selecionadas -

Planejamos aplicar as tarefas construídas, num determinado número de famílias, a serem atendidas na Divisão de Psicologia Aplicada (DIPA) da PUC/RJ, que nos permitisse selecionar algumas das tarefas e rejeitar as outras. Depois de termos aplicado as tarefas a seis famílias, constatamos que já era possível fazer tal seleção e interrompemos as aplicações.

Apresentaremos cada família por nós atendida para a aplicação das tarefas, considerando seu nível sócio-econômico, idade e escolaridade de seus membros e um breve histórico do caso.

A atribuição do nível sócio-econômico foi feita por um membro do Setor de Serviço Social da DIPA, usando os critérios estabelecidos por este Setor, e que levam em consideração a interrelação dos seguintes itens: composição familiar, situação residencial, situação econômica e nível de instrução de cada membro; classificando as famílias em 5 níveis sócio-econômicos: superior, médio superior, médio, médio inferior e inferior.

Das seis famílias atendidas, uma era de nível superior, duas de nível médio superior, uma de nível

médio e duas de nível médio inferior. Destas famílias, três estavam ainda em fase de avaliação, quando foram aplicadas as tarefas, duas estavam em tratamento (uma delas tratada por nós) e uma já havia encerrado o tratamento há três meses (tratamento também realizado por nós).

Em relação a cada uma das seis famílias apresentaremos, resumidamente e na ordem em que foi obtido, o material conseguido através da aplicação das tarefas. Para a realização deste trabalho, as entrevistas foram gravadas, em seguida transcritas e depois resumidas, levando-se em consideração os dados mais importantes. Além disso, imediatamente após cada entrevista, foram feitas anotações do material não verbal obtido e que não poderia ficar registrado na gravação.

Em todas as aplicações houve a participação de dois elementos que atendiam a família. A autora deste trabalho era constante em todos os atendimentos, sendo a única que dava as instruções. O segundo elemento não era constante, mas era sempre alguém, de alguma forma, ligado à família atendida (seu co-terapeuta, seu terapeuta ou seu ex-terapeuta) e o seu papel durante a entrevista era de observador, apenas ocasionalmente participando na interação com a família.

Tanto as gravações, como as transcrições e as anotações do material não verbal estão arquivados e po

derão ser consultados, a qualquer momento, para esclarecimentos que se fizerem necessários. Apenas para facilidade de tratamento preferimos trabalhar com o resumo dos dados mais significativos e optamos também por não incluir na Tese todo o extenso material conseguido através das aplicações que duraram em média 90 minutos cada uma.

Para facilitar a leitura do material obtido com as tarefas aplicadas nas seis famílias estudadas, reproduziremos abaixo o teor das 14 tarefas propostas.

Tarefa 1: "Vamos imaginar que vocês vão passar as próximas férias juntos. Imaginem que todos vocês poderão tirar um mês de férias, na mesma época, para fazer o que vocês quiserem.

Gostaria que vocês planejassem agora, em conjunto, como vão ser essas férias".

Tarefa 2: "Todo mundo, de vez em quando, faz coisas que, naquele momento, não dizem respeito às outras pessoas, por exemplo, o papai lê jornal, a mamãe fica ocupada com as coisas de casa, as crianças brincam, etc.. Como é que você se sente quando isso acontece? Ou seja, a mamãe como se sente quando o papai está lendo o jornal? O papai como se sente quando a mamãe está ocupada? Os pais como se sentem quando as crianças estão brincando?

O mesmo é perguntado aos filhos em relação aos pais".

Tarefa 3: "Quando você está fazendo alguma coisa, por exemplo, pegando um objeto que está muito alto, ou empurrando um móvel pesado, ou fazendo um dever de casa, ... e fica difícil terminar essa tarefa sozinho, o que você faz; chama alguém para ajudar, faz a coisa de qualquer jeito, desiste, ...?"

Tarefa 4: "Que planos vocês (pais) têm para o futuro de seus filhos? Por que estes planos? O que vocês(filhos) acham disso?"

Tarefa 5: "Imagine que um amigo (ou uma amiga) combina sair com você e não aparece. No dia seguinte ele (ou ela) o procura para se justificar, mas antes, quer saber o que você achou que tivesse acontecido, ou seja, o que você imaginou como motivo para que ele não tivsse vindo.

Gostaria agora que você dissesse qual foi o motivo que você imaginou para seu amigo (ou amiga) não ter vindo".

Tarefa 6: "Como é um fim de semana da família?"

Tarefa 7: "Eu gostaria de saber como vocês dividem as tarefas nessa família, ou seja, que coisas vo cês(filhos) já fazem sozinhos e que coisas vocês (pais) ainda precisam fazer por eles (filhos)".

Tarefa 8: "Diga de que coisas você mais gosta em você".

Tarefa 9: "Quando você chega em casa, do trabalho, do colégio ou das compras, você costuma contar como foi o seu dia? Que tipo de coisa você prefere contar? Como você acha que os outros recebem o que você conta?"

Tarefa 10: "Imagine que você estava discutindo com uma pessoa qualquer de sua família em um quarto de sua casa. Em seguida alguém chama por você, e quando você vai passar para um outro quarto, a pessoa com quem estava discutindo lhe dá um empurrão. O que você faz?"

Tarefa 11: "Cada um de vocês vai escolher uma ou várias pessoas da família, pode ser qualquer pessoa, e vai fazer alguma coisa para mostrar a essa pessoa que você gosta dela, sem dizer uma palavra".

Tarefa 12: "Quando a gente está em grupo muitas vezes concorda com as coisas que as outras pessoas fazem, outras vezes discorda. Cada um de vocês vai tentar lembrar agora de uma situação em que discordou de uma pessoa da família.

Como foi essa situação?

O que você fez (nessa situação)?"

Tarefa 13: "Cada um de vocês vai imaginar que é um "caldeirão". Gostaria que me dissessem o que há dentro desse "caldeirão". Vocês podem imaginar qualquer tipo de coisa. Cada um vai dizer o que pode haver dentro do seu "caldeirão".

Tarefa 14: "Vocês agora vão se cumprimentar por causa do sucesso do trabalho das outras pessoas".

Família I - em fase de avaliação

Nível sócio-econômico: médio superior

Pai - 36 anos, superior completo

Mãe - 33 anos, 2º grau completo

Filhos: A - Fem., 12 anos, 6a. série do 1º grau

B - Masc., 10 anos, 5a. série do 1º grau (paciente identificado)

C - Fem., 8 anos, 2a. série do 1º grau

A mãe procurou a DIPA em 18/3/75 "por causa das dificuldades de B que é temperamental, agressivo e vagaroso" (sic). Acha-se "super-mãe" e diz que sua mãe também o é. Gostaria de encontrar melhores formas para lidar com os filhos e diz que, dificilmente, seu marido comparecerá para qualquer tipo de atendimento. Tanto A como B têm problemas de fala e fazem terapia da palavra.

Solicitada uma entrevista com a família toda, foram aplicadas as tarefas e constatada a necessidade de uma intervenção familiar*. A terapia familiar, iniciada logo em seguida, está em andamento na DIPA com participação de todos os membros da família.

Tarefa 1:

Não houve participação de toda a família no planejamento. A idéia dada por A não foi discutida e foi aceita quase que passivamente pelos outros membros. A mãe, quem mais falou, parece tê-lo feito mais por uma necessidade de controlar. O pai e B não colocaram suas opiniões, permanecendo omissos. A família não chegou a uma decisão conjunta.

Tarefa 2:

Num primeiro momento, tanto o pai como a mãe dizem que ficam aborrecidos quando o outro está ocupado e a mãe acrescenta que procura distrair o marido para que ele largue o jornal. Todavia não conseguem falar de seus sentimentos em relação a esta situação, e quando lhes é pedido que expliquem o "aborrecimento" acabam negando que ele exista.

* Para estabelecimento do diagnóstico e indicação do tratamento foi seguida a metodologia usual da DIPA, (cuja descrição escapa aos objetivos deste trabalho) e, em alguns casos, foram utilizados também os resultados das tarefas.

Os pais gostam quando as crianças estão ocupadas. As crianças, principalmente B, queixam-se do "desligamento" do pai que "coloca o jornal no rosto e nem percebe o que está acontecendo em volta".

Tarefa 3:

A diz pedir ajuda tanto do pai como da mãe. C pede sempre à mãe pois, segundo ela, o pai nunca dá ajuda, "empurrando" sempre para a mãe. B prefere pedir à mãe "apesar de seus estouros".

A mãe diz que prefere fazer as coisas sozinha, mas de vez em quando solicita seu marido, cuja participação ela coloca como "obrigatória" pois "casamento é a dois". Aproveita para queixar-se tanto do marido como das crianças "que não colaboram".

Tarefa 4:

O pai diz que não tem nenhum plano para o futuro dos filhos, faz questão apenas que estudem, mas aqui de que gostem, e a única coisa que não gostaria é que B tivesse a mesma profissão que ele, pois não está satisfeito, mas mesmo assim se B quisesse intensamente, não tentaria influenciá-lo.

A mãe ao falar sobre o futuro dos filhos, diz que se pudesse "pararia o tempo para que eles não crescessem", pois assim ficariam sempre juntos dela e ela veria o que estavam fazendo.

Os filhos gostam dos planos do pai, que mos tra um desejo de vê-los crescer, e dizem não gostar dos planos da mãe, que parece ter muita dificuldade em acei tar o crescimento deles e a possibilidade de separação.

Tarefa 5:

A mãe diz que dependeria muito da situação, e em seguida acrescenta que imaginaria ter acontecido algo de grave que impossibilitasse a vinda da amiga.

Tanto o pai como A, B e C também imaginam um motivo externo grave para a não vinda.

Os membros da família não falam de seus sen timentos na situação.

Tarefa 6:

A mãe diz que o fim de semana é sempre para fazer coisas de que as crianças gostam. O pai acrescen ta que eles mandam as crianças escolherem o programa mas quem acaba sugerindo é a "dona da casa".

O casal é interrogado diretamente sobre o tempo que tem para si, e C responde que eles "saem sem pre para fazer programa às 6as. feiras e, se não saem, vão bem cedo para a cama".

Ao mesmo tempo em que se dedica às crianças, o casal parece ter momentos para si.

Tarefa 7:

Inicialmente falam sobre a distribuição das tarefas caseiras, já que não têm empregada: a mãe faz quase tudo, as crianças colaboram um pouco e o pai não faz nada a não ser quando é solicitado.

Em relação às coisas de que as crianças ainda precisariam da ajuda dos pais, o pai diz que elas praticamente não existem, e que suas coisas as crianças fazem sozinhas.

A reclama que a mãe manda que escolham a roupa que vão vestir e em seguida critica esta escolha, fazendo com que coloquem outra roupa. B e C fazem esta mesma queixa. O pai mostra-se mais capaz de validar as escolhas dos filhos e declara que prefere que eles saiam com uma roupa que eles mesmos escolheram, mesmo que ela não seja a mais apropriada.

Tarefa 8:

Somente C consegue falar espontaneamente de algo em si de que gosta: seu cabelo. O pai fala sobre a humildade, dizendo que tenta ser humilde, não gostando de ser elogiado. A mãe diz gostar de uma característica sua, que logo em seguida declara não gostar: o fato de ajudar os outros. A e B não conseguem dizer nada.

Tarefa 9:

A diz, imediatamente, que conta tudo que se passa. C diz contar, algumas vezes, o que acontece. O

pai só conta as novidades. A mãe e B comentam apenas sobre aquilo que as outras pessoas contam, mas não falam de sua experiência.

Parece não haver na família um clima em que se possa falar de vivências mais pessoais e emocionais.

Tarefa 10:

C diz, logo em seguida, que se recebesse um empurrão daria outro, depois acrescenta que se fosse do pai ou da mãe, sua reação seria mandar que "eles usassem óculos".

A diz que não empurraria ninguém menor do que ela e que também não reagiria com os pais.

B fala que daria outro empurrão se fosse uma das irmãs, no caso dos pais ficaria sem falar com eles.

A mãe diz que se o marido a empurrasse, ela ficaria "ofendidíssima", mas não falaria com ele sobre sua ofensa, nem sobre sua raiva "até que ele percebesse".

O pai revidaria imediatamente se fosse com uma das crianças; se fosse com a mulher, ficaria "perplexo" e, apesar de "zangado", não falaria nada para ela "até que ela descobrisse".

Os pais não conseguem falar sobre seus sentimentos de desapontamento e de raiva sobretudo se estes sentimentos estiverem relacionados com a vida do casal. As regras familiares parecem não permitir uma comunicação livre e uma livre expressão do sentimento de raiva.

Tarefa 11:

A família tem dificuldades em permanecer em silêncio.

A mãe faz um movimento com os dois braços, para fora, dirigindo-se a toda a família. A levanta-se e dá um beijo em cada membro da família (há muitos risos). C manda beijos com as mãos para todos. B levanta-se e beija cada um, menos C, para quem faz um gesto com a mão (enquanto isso todos riem). A mãe faz novamente o movimento com os dois braços, desta vez para dentro. O pai manda um beijo para a mãe e se justifica dizendo que costumava fazer isto, dá um sorriso para B e um "adeusinho" para as meninas.

A e B foram os únicos capazes de ter contato físico com os membros da família e, enquanto isto ocorria, os risos constantes da família mostraram um ambiente de desqualificação do afeto e de sua manifestação através do contato corporal.

Tarefa 12:

Não parece haver na família um clima para discordância muito aberto. As pessoas não conseguem levar suas discordâncias até às últimas consequências e acabam desistindo.

O pai só consegue discordar "incentivado" pela mãe que se mostrou muito controladora. As queixas dos filhos quanto aos pais são muito indiretas, quase co

mo se não adiantasse discordar.

Tarefa 13:

A e C gostariam de ter "comidas gostosas" no seu "caldeirão". B gostaria de ter papai e mamãe. O pai gostaria de ter jóias, valores, ações, quadros de arte; enquanto a mãe gostaria de ter flores, sobre as quais ela fala de uma maneira muito artificial, procurando ser adequada.

Tarefa 14:

A mãe tenta explicar a "ordem confusa" que foi dada, entretanto, o pai interrompe dizendo que não havia compreendido.

De nossa parte, experimentamos uma sensação muito desagradável ao dar à família uma ordem confusa; imediatamente interrompemos a discussão e explicamos que o objetivo da tarefa era ver como eles reagiam diante de uma ordem não muito clara e que, realmente, o que havíamos pedido não fazia nenhum sentido.

Família II - (proveniente de um país hispano-americano) -
em fase de avaliação

Nível sócio-econômico: médio (de acordo com a situação da família no Brasil; provavelmente médio superior em seu país de origem)

Pai - 45 anos, superior completo

Mãe - 40 anos, 2º grau completo

Filhos: A - Fem., 14 anos, 8a. série do 1º grau (paciente identificado)

B - Fem., 13 anos, 8a. série do 1º grau

C - Fem., 11 anos, 6a. série do 1º grau

D - Masc., 9 anos, 3a. série do 1º grau

Mãe recorre à DIPA em 11/3/75 por indicação do médico com quem A, que apresenta epilepsia, vem-se tratando. Relata ter dificuldade de relacionamento com esta filha, que ela caracteriza como "rebelde". Acrescenta que tais dificuldades de relacionamento não se restringem apenas a A mas estão ocorrendo com a família como um todo. Acha que os fatores desencadeantes dessa situação foram a vinda para o Brasil, o pouco espaço de que dispõem no apartamento em que moram e a difícil situação financeira em que se encontram (o marido está fazendo pós-graduação e é bolsista, dispondo apenas do dinheiro da bolsa).

Foi realizada uma entrevista com a família toda, aplicadas as tarefas e constatada a necessidade

de uma terapia familiar*, que está em andamento na DIPA e da qual todos os membros da família participam.

Tarefa 1:

Embora a primeira idéia dada por C (ir ao país de origem) não tenha sido aceita pelo pai, ela dá a segunda.

A família tem grande dificuldade em planejar as férias, que deixam de ser algo agradável para tornar-se alguma coisa "pesada", semelhante a uma obrigação a mais.

A mãe assume uma atitude de grande controle e interroga os filhos, o tempo todo, sobre o que fazer, como fazer, em que ordem fazer quando se vai viajar. O pai tenta timidamente "cortar" esta atitude da mãe.

C é quem participa mais, seguida de B. D não dá sua opinião e A não o faz nem mesmo quando diretamente solicitada.

Tarefa 2:

O pai é o único que responde à situação tal qual foi colocada, dizendo que não se incomoda quando os outros membros da família estão fazendo suas coisas.

A mãe apenas faz queixas diretas e indiretas do pai, das crianças que "não ajudam em nada e não vêm

* Vide nota página 64.

comer na hora em que ela chama".

As crianças, mesmo depois de várias explicações mostram dificuldade em entender a tarefa e a interpretam apenas em termos de serem chamadas, solicitadas pela mãe e deverem ajudá-la ou não.

Tarefa 3:

Pai e A dizem não pedir ajuda porque isso aborrece às pessoas. A mãe "pede ajuda com muita facilidade, sem nenhum problema a todos" e diz ainda, que "os membros da família têm obrigação de ajudar". C e B dizem pedir ajuda aos pais quando estes estão desocupados. D diz que pede ajuda ao pai, mas a mãe não aceita esta sua declaração e ele acaba dizendo que, às vezes, pede a ela também.

Parece não haver na família um clima onde se possa, espontaneamente, pedir ajuda.

Tarefa 4:

A mãe embora diga não ter planos definidos para os filhos, "queria que as meninas gostassem de tocar piano e sofre porque elas não correspondem a este seu esforço".

O pai acha que o melhor que pode deixar para os seus filhos é uma boa educação; "quando ficarem maiores escolherão a carreira que lhes parecer mais fácil e o resto é coisa deles".

Os filhos não se manifestam em relação aos planos dos pais, com exceção de A que reclama da pressão que a mãe faz para que ela estude piano. A mãe declara ter tido piano em sua casa desde que era pequena e que gosta de tocar piano.

Tarefa 5:

O pai diz que dependeria do amigo: se fosse um amigo informal, isto lhe daria raiva, se fosse um amigo responsável, não viria por um motivo de força maior.

A e B acham que a amiga não veio porque a mãe não deixou. C, porque ela estava doente e D, porque havia visita em sua casa.

A mãe atribui a não vinda da amiga a um problema grave qualquer.

Tarefa 6:

C fala quase o tempo todo sobre o fim de semana da família, que se resume a ver televisão e não parece ser agradável. A mãe diz que só as crianças vêm televisão e, quando é perguntado como é o fim de semana do casal, ela evita responder, e fala sobre outras coisas, fazendo queixas das crianças. Diante da pergunta se o casal sai sem as crianças, a mãe responde que nunca, e acrescenta que ela "sofre muito quando está na praia e elas não quiseram ir".

O casal parece não ter momentos para si e a mãe evita falar da sua relação.

Tarefa 7:

A discussão girou apenas em torno das tarefas caseiras. A mãe acaba assumindo todas as coisas por uma impossibilidade de conseguir a participação dos filhos. O pai acha que o problema está na maneira como a mãe solicita os filhos, "ela está sempre gritando, o que provoca um ambiente de tensão".

Todos queixam-se de todos e a comunicação entre os membros da família parece muito difícil.

Tarefa 8:

B e D gostam de ser calados e prestar atenção. C gosta de saber tudo, de aprender e responder certo. A diz que tem amigas e que gosta de poder ter amigas. A mãe gosta de não ser materialista e o pai de ser esforçado.

Com exceção de A que gosta de ter amigas, os outros membros da família referiram-se, quase que apenas, a coisas relacionadas com dever, com ser adequado; o que parece "pesar" e exigir um certo esforço.

Tarefa 9:

C e D dizem que contam tudo o que se passa no Colégio, as coisas boas e as ruins. B diz que conta, às vezes, para a mãe e A diz que só conta o ruim porque B já contou, caso contrário não diria nada.

O pai acha que na realidade as crianças não contam o que se passa com elas pois "não há clima de diálogo na família". No seu caso, diz que ele conta apenas as "novidades" e que as coisas de rotina e as desagradáveis ele não conta.

A mãe se diz muito aberta e fala que conta tudo, o bom e o ruim, a todo mundo. O pai acrescenta que ela fala muito; ela refuta dizendo que os dois são "polos opostos".

Tarefa 10:

Somente a mãe e A reagem ao empurrão. A mãe diz que "bateria imediatamente" em qualquer um deles, mesmo no pai. A empurraria os irmãos, mas não ao pai e a mãe; embora ficasse com raiva, "daria meia volta".

Os outros filhos e o pai dizem que "deixariam para lá" e não fariam nada.

Diante de uma situação que provoca raiva a família parece muito controlada e contendo suas emoções.

Tarefa 11:

C levanta-se e beija a mãe e o pai. B beija todos os membros da família. A pergunta se pode ser alguém que não está ali; demonstra não querer dar afeto a nenhuma daquelas pessoas e, em seguida, "de má vontade", beija o pai e a mãe.

D beija os pais e as irmãs. O pai faz gestos mexendo no cabelo e no nariz das crianças e dá um

"tapinha" na perna da mãe. A mãe beija todos os membros da família e morde A, que reclama.

Tarefa 12:

A e C dizem discordar às vezes, mas não conseguem conversar sobre aquilo de que estão discordando. D, quando discorda, não fala para ninguém. B não lembra de nenhuma situação em que discordou de alguém.

O pai diz que quando discorda, fala mas não consegue levar seu ponto de vista a frente. A mãe reclama disto, dizendo que o pai apenas fala mas não age; ao mesmo tempo ela se culpa em relação a ele, achando-se pouco paciente.

As discordâncias são vistas na família como negativas e há muita dificuldade de falar sobre elas. As diferenças individuais não são respeitadas, e é como se as pessoas tivessem sempre que se defender e se acusar.

Tarefa 13:

Os filhos dizem que o "caldeirão" teria coisas de comer: "batata frita", "frango assado", "sopa".

Dissemos então que a palavra "caldeirão" poderia ser substituída por "baú"; eles poderiam se imaginar um grande "baú".

O pai diz que no seu "baú" haveria roupas. A mãe fala que imaginava "uma linda panela de prata, contendo tudo de bom que possa haver no mundo; as coisas que tanto faltam: virtudes, amor, caridade..." Em se -

guida diz que se sente cheia de coisas ruins e que fica difícil falar.

Tarefa 14:

Tendo em vista a dificuldade que experimentamos ao aplicar esta tarefa na Família I, mudamos as instruções com a Família II, e ao invés de darmos uma ordem confusa, como o inicialmente proposto, perguntamos aos membros da família "o que fariam diante de uma situação em que não estivessem entendendo as coisas, ou seja, diante de uma situação pouco clara".

Todos os membros da família dizem que perguntariam novamente aquilo que não estavam entendendo e tentariam esclarecer a situação.

Mesmo com a mudança do planejamento inicial, continuamos achando difícil a aplicação desta tarefa, que não foi mais utilizada com as outras famílias.

Família III - em fase de avaliação

Nível sócio-econômico: médio inferior

Pai - (falecido)

Mãe - 34 anos, 1º grau incompleto

Filhos:- A - Masc., 11 anos, 5a. série do 1º grau

B - Masc., 8 anos, 1a. série do 1º grau (paciente identificado)

A mãe procurou a DIPA em 14/4/75 buscando tratamento para B, que ela descreve como "irrequieto e agressivo

sobretudo em casa". Não consegue ser alfabetizado, tendo repetido duas vezes a classe de alfabetização. Ela atribui tal situação ao fato de B, com 5 anos, ter perdido o pai, a quem era muito ligado.

Num atendimento à família toda, foram aplicadas as tarefas e verificada a dificuldade de uma intervenção familiar no momento, tendo em vista o tipo de comunicação e a interação estabelecidas entre os membros da família*.

Foi indicada a continuação do atendimento individual à mãe e solicitado um psicodiagnóstico individual de A e de B, para posteriormente decidir-se quanto à indicação de uma terapia familiar ou de um tratamento individual para um ou para vários membros da família.

Tarefa 1:

B sugere passar as férias num parque da cidade (idéia inadequada para a situação) e A concorda com B sem acrescentar nada. A mãe parece não aceitar a idéia de B mas não discorda abertamente. Solicitada, pela terapeuta, a dar sua opinião, sugere outra coisa que também não é discutida.

* Vide nota página 64.

Há uma impossibilidade da família planejar em conjunto e chegar a uma decisão que reflita a opinião de todos. Ninguém lidera e há muita apatia.

Tarefa 2:

Nenhum membro da família compreende a tarefa, nem mesmo a mãe, que responde que nessa situação ela "tenta ajudar o outro". As crianças riem e dizem que não sabem.

Tarefa 3:

A mãe diz que pede ajuda à pessoa que estiver mais fácil. B, diz que pede ajuda à mãe, e A, a qualquer pessoa. A mãe parece discordar de A mas não o faz abertamente.

Tarefa 4:

A mãe diz não ter nenhum plano para o futuro dos filhos e que apenas "dá assistência no que precisam". Os filhos não dão sua opinião.

Tarefa 5:

A mãe diz que o amigo não vem por uma dificuldade dele; A diz que é porque ele não quis vir; B ri e não entende a tarefa nem mesmo depois de várias explicações, e continua rindo.

Tarefa 6:

A família passa o fim de semana geralmente em casa. A mãe diz que as crianças não gostam de sair; A, com dificuldade, diz que prefere ficar em casa; B não dá sua opinião.

Tarefa 7:

A mãe começa dizendo que os filhos fazem tu do sozinhos. Em seguida acrescenta que à mesa não se servem, que A não estuda sozinho, e que apesar de B saber tomar banho sozinho, ela gosta de dar banho nele.

Tarefa 8:

Mãe diz que gosta de ser amiga. As crianças, com muito esforço repetem o mesmo que a mãe havia dito e não conseguem falar mais nada.

Tarefa 9:

A mãe diz que conta o que se passa para a avó. Os filhos dizem que não contam nada.

Há muita dificuldade de comunicação na família.

Tarefa 10:

Diante do empurrão, apenas as crianças reagem e a reação de B, que "briga com qualquer pessoa" é mais forte. A mãe diz que não faz nada.

Tarefa 11:

A mãe dá um beijo muito rápido em cada um dos filhos. As crianças não reagem e "se desligam" como se não tivessem ouvido as instruções.

Tarefa 12:

Nenhum membro da família consegue falar de uma situação em que discordou do outro. Houve dificuldade em compreender o que estava sendo pedido.

Tarefa 13:

A mãe diz que no seu "baú teria paz e sossego" que ela gostaria de ter. Seria mais um desejo seu.

B fala que no seu teria roupas e dinheiro;
A repete o que foi dito por B, sem acrescentar nada.

Família IV - em atendimento pela autora deste trabalho

Nível sócio-econômico: médio superior

Pai - 44 anos, superior completo

Mãe - 40 anos, superior completo

Filhos: A - Fem., 17 anos, 3a. série do 2º grau

B - Masc., 15 anos, 8a. série do 1º grau

C - Masc., 13 anos, 6a. série do 1º grau (paciente identificado)

D - Fem., 11 anos, 6a. série do 1º grau

E - Fem., 9 anos, 4a. série do 1º grau

F - Fem., 7 anos, 2a. série do 1º grau

O casal procurou a DIPA em 19/7/74 queixan - do-se principalmente das dificuldades de C nos estudos. A mãe diz que teve um parto difícil de C mas que seu desenvolvimento foi "normal". Agora "apresenta muitos caçoetes, embora seja bastante sociável".

Em seguida o casal fala um pouco de cada filho. referindo-se a A como "brilhante nos estudos", a B como "um capeta que não estuda", a D como "a isolada", o que irrita a mãe, E como "expansiva e preferida dos irmãos" e F como "sociável mas também indo mal na escola".

A mãe queixa-se da atitude do marido, que ela diz ser mais preocupado com sua família de origem do que com a família nuclear. Acrescenta que ela acaba sendo sempre a "neurótica" e ele o "bonzinho". O pai recebe as críticas passivamente, durante a entrevista, e quase não fala. Ambos reclamam de uma falta de diálogo entre eles.

Depois de mais duas entrevistas com o casal, foi solicitada uma sessão com a família toda e vista a necessidade de uma intervenção familiar*. Esta família teve três fases de tratamento:1) 5 meses de terapia familiar, com a participação de todos os membros;2) 4 meses

* Vide nota página 64.

de terapia de casal; 3)- atualmente apenas a mãe encontra-se em tratamento na DIPA há 3 meses. Na 1a. fase do tratamento havia dois terapeutas e um deles (a autora deste trabalho) manteve-se constante nas duas fases subsequentes. As tarefas foram aplicadas no final da segunda fase.

Tarefa 1:

A dá a idéia. Todos concordam menos a mãe que sugere outra coisa. O pai fica meio ambivalente entre a posição da esposa e a dos filhos e acaba concordando com a dos filhos.

A idéia é discutida e a mãe, em seguida, concorda também e tenta participar do planejamento.

A família atuou como um grupo, tendo havido participação de todos os membros, incentivada principalmente pelo pai.

Tarefa 2:

Houve uma certa dificuldade em compreenderem a tarefa: A pergunta "se é como se a pessoa estivesse lendo de propósito" e C pergunta "se é como se estivesse fugindo do serviço".

Mesmo depois de várias explicações, a tarefa não foi compreendida adequadamente e a discussão ficou muito em torno de "ajudar o que estava ocupado". Esta "ocupação" continuou sendo entendida como um trabalho, como algo pouco agradável.

Tarefa 3:

Os filhos, às vezes, pedem ajuda entre si, e alguns pedem mais ao pai, outros mais à mãe. O pai diz pedir ajuda a qualquer membro da família com muita facilidade.

A mãe é a única que diz ter muita dificuldade em pedir ajuda: "só peço ajuda quando ninguém pode adivinhar que eu estou precisando, mas quando eu acho que todo mundo sabe que eu preciso e se omite, aí eu só peço quando não estou aguentando mais".

Tarefa 4:

A mãe diz que o que eles planejam é "dar uma base" para os filhos para que eles possam depois seguir as respectivas tendências, mas não é nada definido. O pai diz que a longo prazo não planeja nada, mas a médio prazo pretende dar bons colégios para eles e boas faculdades. A mãe acrescenta que alguns, provavelmente, não cursarão uma faculdade e preferirão ficar num nível técnico. B então quer saber quais dos filhos a mãe acha que não farão uma faculdade. Ela tem uma certa dificuldade em responder mas diz que talvez ele e D não façam.

Os filhos, solicitados a darem sua opinião sobre os planos dos pais, dizem que gostaram, pois como acrescenta C, "eles não estão impondo uma profissão à gente".

Tarefa 5:

C, D e E dizem que o amigo não veio porque a mãe não deixou. O pai, A e F imaginam que morreu alguém na família do amigo. B diz que ele não veio porque não estava com vontade; e a mãe diz que pensa logo num desastre.

Quando lhes é perguntado como se sentiram com a não vinda do amigo, o pai diz que depende muito do amigo e da situação; B diz que ficou com raiva; e os outros membros da família não falam de seus sentimentos.

Tarefa 6:

Em geral a família passa o fim de semana junto, num clube. A mãe diz que cada um faz o que gosta: "a gente vê os amigos, as crianças encontram os coleguinhas e fazem o esporte de que gostam, almoçamos juntos, eles vão ao cinema e nós vamos para casa descansar".

O pai diz que só agora o casal tem conseguido fazer programas sem as crianças pois antigamente a mãe queria "dedicar horário integral às crianças no fim de semana, embora ele tenha sido sempre contra isso". A mãe diz que agora já sai sozinha com o marido, embora continue se preocupando com o que possa estar acontecendo com as crianças, e acrescenta que "o simples fato de conseguir sair já é uma vitória, pois isto não ocorria antes".

Tarefa 7:

O pai diz, inicialmente, que os filhos já são capazes de fazer tudo sozinhos e que "comunitariamente eles são capazes de sobreviver, sem os pais, por alguns dias".

A mãe acha que C, D e E precisam de alguma ajuda para estudar, mas que estão melhorando. Vê os filhos ainda dependentes dela.

Em relação a A, tanto o pai como a mãe dizem que ela precisa de uma ajuda "para organizar seu cardápio". Há uma discussão em torno de seu regime e A diz que nem a ajuda dos pais, nem a dela mesma vai adiantar e que ela já se acomodou ao fato de ser gorda.

Tarefa 8:

O pai diz gostar da vida que leva. B gosta da sua força de vontade para fazer as coisas; C da sua beleza e da sua inteligência; D e E gostam de estudar e F gosta da sua beleza. A mãe é a última a falar e diz: "não gosto muito de mim não, não gosto de nada em mim". Depois de algumas solicitações, da terapeuta e do marido, ela acrescenta: "acho que sou inteligente, mas do resto não gosto não".

Tarefa 9:

A e B contam para os membros da família as coisas mais importantes e diferentes; dizem que contam também as coisas ruins, embora com menos facilidade. C,

D, E e F preferem contar os êxitos e as "coisas certas" e quase nunca gostam de contar as "coisas erradas" porque podem apanhar".

Os pais dizem não ter dificuldades em contar como passaram o dia, e que em geral o fazem.

Tarefa 10:

As crianças menores, D, E e F, se levarem um empurrão, só reagem entre si, não tendo nenhuma reação se o empurrão for dos irmãos mais velhos ou dos pais.

As crianças maiores, A, B e C também são reagem entre si, e dizem não fazer nada se o empurrão for de um dos menores ou de um dos pais.

A mãe não reage com o pai, e este "pensa duas vezes para reagir com ela"; ambos reagem com as crianças.

Parece que a regra na família é: os pais podem bater nos filhos e estes não podem reagir; entre os irmãos só vale reagir se as forças forem mais ou menos equivalentes; o casal parece ter que conter seus sentimentos.

Tarefa 11:

C levanta-se e beija todos os membros da família, fazendo carinho na cabeça de B. A beija o pai e a mãe. E e F abraçam e beijam os pais e os irmãos. D abraça todos. Os pais se tocam e se beijam e, em seguida, cada um beija os filhos.

Tarefa 12:

As crianças trouxeram situações em que discordaram ~~umas~~ das outras; nenhuma delas falou de uma situação em que discordou dos pais. Com exceção de B, todas elas tentaram explicar, para a pessoa de quem estavam discordando, o motivo da discordância.

Pai e mãe discordaram um do outro e ambos discutiram o porquê da discordância, na situação relatada.

Tarefa 13:

A diz que no seu baú tem revistas velhas, fotografias e roupas antigas; B diz que no seu tem vida, "quem entra lá não morre mais"; C fala do seu contendo muitos livros de poesia, informações sobre artistas e sobre futebol; uma raquete de tênis; D diz que no seu tem dinheiro, roupas e jóias; no de E tem bonecas e no de F muitos brinquedos.

O pai diz que no seu tem tudo, tem a casa inteira, todas as coisas boas e gostosas, "o que eu preciso eu tiro de dentro do baú". A mãe fala que no seu tem riquezas e traças e acrescenta: "as traças comem as riquezas".

Família V - Atendida pela autora deste trabalho, em co-terapia, de abril de 1974 a janeiro de 1975.

Nível sócio-econômico: superior

Pai - 38 anos, superior completo

Mãe - 38 anos, superior completo

Filhos: A - Masc., 13 anos, 7a. série do 1º grau

B - Fem., 11 anos, 5a. série do 1º grau

C - Fem., 10 anos, 5a. série do 1º grau (paciente identificado)

A mãe recorre à DIPA em 25/4/74, em busca de terapia para C que "ainda chupa dedo e briga constantemente com B, em consequência de grande rivalidade".

Foi solicitada uma entrevista com o casal e, em seguida, realizada uma sessão com a família toda, depois da qual foi proposto aos membros da família um contrato para uma terapia familiar*. Esta terapia, realizada na DIPA e da qual todos os membros participaram, teve uma duração de 9 meses. As tarefas foram aplicadas na família 3 meses depois de encerrado o tratamento.**

* Vide nota página 64.

** Essa família foi objeto de um trabalho de nossa autoria em colaboração com a co-terapeuta do caso: Carneiro, T.F. e Saba, A.M. "Terapia Familiar: Teoria e Técnica através do Estudo de um Caso", Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, no prelo.

Tarefa 1:

No início cada membro da família deu sua opinião que diferia da dos demais. A mãe chama a atenção para o fato das pessoas serem diferentes, daí cada um ter um gosto.

Em seguida o pai acrescenta que eles teriam que decidir algo para fazerem em conjunto e estimula então uma votação.

C mantém sua primeira idéia e os outros membros da família aderem a ela.

As diferenças individuais foram respeitadas e a família consegue tomar uma decisão conjunta.

Tarefa 2:

A mãe diz que com ela, nunca acontecia esse momento e que, portanto, ela não conseguia imaginar esta situação.

C diz que não tinha entendido e B explica para ela. A e C acrescentam então que quando o pai está lendo jornal eles vão "chateá-lo". O pai diz que quando a mulher está fazendo algo sozinha, ele "quer que ela largue aquilo", para fazer algo de que "nós dois possamos participar". B, assim como a mãe, não fala de como se sente nessa situação.

Tarefa 3:

Todos os membros da família, com exceção da mãe, dizem pedir ajuda com facilidade, principalmente o pai e C.

A mãe fala de uma época em que "não pedia ajuda de jeito nenhum, a não ser da empregada que era paga para isso". Vê o fato de agora já estar conseguindo fazê-lo, como uma melhora sua.

Tarefa 4:

Os pais dizem que não fazem planos específicos para os filhos, mas apenas "colocam o que está a seu alcance, à disposição deles".

O pai diz que antigamente ficava imaginando "determinadas carreiras e determinados sucessos" para os filhos, o que agora não tem ocorrido mais. Eles estão crescendo e escolhendo os seus caminhos.

Tarefa 5:

Mãe, pai e C dizem que depende muito da pessoa que combina vir e não vem.

B diz que imagina que o carro da amiga tivesse quebrado e A pensa que a mãe dela não deixou. A mãe diz: "hoje realmente eu não imaginaria que a amiga não tivesse vindo por minha causa; em outras épocas, talvez".

Tarefa 6:

Os programas do fim de semana são bem flexíveis e os pais estão sempre prontos para reformulações, conseguindo assim que as crianças também sejam capazes de fazê-las.

O casal tem momentos só para si e parece fazer questão de que os filhos também tenham, cada um, seus bons momentos de satisfação.

A faz seus próprios programas, não saindo com o casal. B e C saem de vez em quando com os pais, ao mesmo tempo em que têm também seus próprios programas.

Tarefa 7:

A mãe diz que A é o mais independente da casa mas mesmo assim ela o ajuda de vez em quando. Parece que a mãe é quem faz mais coisas na família e B diz que "ela faz porque ela quer".

O pai divide algumas incumbências com a mãe, e B e C dizem que, a maioria de suas coisas, elas fazem sozinhas.

Tarefa 8:

C diz gostar de suas pernas e de suas mãos. A gosta dos seus ombros, do seu físico. A mãe diz gostar de ser como é: "me sinto satisfeita por ser responsável". Em seguida acrescenta: "gosto do meu busto e do meu corpo, fiz a plástica e emagreci a bessa". B diz que gosta

de flores e mais tarde acrescenta: "gosto desse negócio que a mãe falou: eu sou responsável".

O pai diz que gosta de ter podido se convencer de que ele é capaz de chefiar, de liderar. Fala que sempre teve sucesso profissional, mas que nunca tinha se convencido de que ele era capaz de liderar como agora.

Tarefa 9:

Todos os membros da família dizem que contam suas coisas. C diz que conta o que se passa na escola, "se foi bem, se foi mal", mas é melhor contar quando foi bem. O pai fala das coisas do seu trabalho. A mãe diz que conta tudo e "sempre fazendo seus exageros".

Tarefa 10:

B e C dizem que se empurrariam e também ao pai, pois acham que ele não reagiria. A fala que daria outro empurrão se fosse com as meninas; acredita que o pai reagiria se fosse empurrado. A mãe diz que empurraria qualquer um da família; e o pai, apesar das meninas discordarem, fala que, com todos eles, sua reação seria revidar o empurrão.

Tarefa 11:

B levanta-se e beija todos os membros da família. O pai, sentado mesmo, "abana a mão" para cada um.

C pergunta: "e a mãe?" A mãe responde que já havia feito: "eu fiquei super comovida, será que não é uma

forma assim de..., eu chorei". Todos os membros da família se emocionam, olham para a mãe e ficam algum tempo em silêncio.

Tarefa 12:

B e C trazem situações de discordâncias mútuas, vivendo-as durante a sessão, discutindo e conseguindo falar a respeito delas.

O pai e a mãe falam de situações em que um discorda do outro e cada um tenta explicar seu ponto de vista, até que o outro pudesse entender sua posição.

A discorda da mãe e também fala sobre seus motivos.

As discordâncias foram abertamente trazidas e discutidas, parecendo haver na família lugar para elas.

Tarefa 13:

Todos os membros da família falam de coisas de que gostam dentro do seu baú: C, "brinquedos, muitos brinquedos"; B, "brinquedos e dinheiro"; A, "bolas"; mãe, "plantas, amor bem grande e minha família"; pai, "meu equipamento de pescaria, dinheiro, o aparelho de som, um poder de decisão e vocês todos, lá dentro, é claro".

Família VI - em atendimento desde maio de 1974.

Nível sócio-econômico: Médio inferior

Pai - 51 anos, 1º grau incompleto

Mãe - 39 anos, 1º grau incompleto

Filhos: A - Fem., 20 anos, 2a. série do 2º grau

B - Fem., 8 anos, 1a. série do 1º grau (paciente
identificado)

Os pais procuraram a DIPA em 26/3/74 em busca de um atendimento para B que foi adotada por eles após nove dias de nascida. Queixam-se de um comportamento muito infantil de B, que tem também dificuldades motoras e não consegue ser alfabetizada. O pai refere-se também a alguns "comportamentos estranhos" de sua filha como "medo de chuveiro, o fato de falar sozinha com os brinquedos" e mostra seu receio de que ela tenha herdado a "loucura de sua mãe verdadeira". (sic)

Solicitadas algumas entrevistas com o casal e feita uma avaliação com B*, esta foi encaminhada para uma terapia individual que teve início em maio de 1974, e o casal encaminhado para uma orientação de pais, na mesma época. Ambos os atendimentos estão ainda em andamento na DIPA.

* Vide nota página 64.

Tarefa 1:

A mãe dá uma idéia com a qual o pai e A concordam. B sugere algo diferente.

A família não consegue chegar a uma decisão comum, embora tenha havido diálogo, sobretudo dos outros membros com B que continua com sua opinião inicial.

Tarefa 2:

A tarefa não foi devidamente compreendida pelos membros da família, apesar das várias explicações. Todos entenderam como se a pessoa que estivesse ocupada, estivesse trabalhando e precisando de ajuda. Alguns membros da família aproveitaram para fazer queixas indiretas a outros.

Tarefa 3:

Todos falam que são capazes de pedir ajuda e dão exemplos de situações em que o fazem. A parece ser a mais disponível para ajudar, e é a mais solicitada pela família.

Tarefa 4:

Os pais, numa linguagem muito simples, tentam mostrar que apoiam as filhas em suas decisões mas que não querem decidir por elas. O pai diz: "esta vai ser aquilo que quiser ser por ela, e aquela também; esse negócio de ela vai ser isso não dá".

As filhas reconhecem que os pais realmente agem assim, e dizem gostar dessa atitude deles.

Tarefa 5:

A mãe diz que se sua amiga não vier ela sai assim mesmo; imagina que houve algum problema para ela não vir e não fica aborrecida. O pai diz que depende do amigo, e se for uma pessoa pontual, ele imagina que não veio por causa da condução ou da chuva, mas espera o dia seguinte para saber.

A diz que pensa em todas as possibilidades, em coisas boas e coisas ruins, para quando a pessoa vier falar, "já estar preparada para receber a notícia". Ela cita motivos externos e não fala de seus sentimentos.

B acha que a amiga não veio porque sua mãe não deixou; e aproveita para queixar-se da mãe que não a levou em um determinado lugar que havia prometido.

Tarefa 6:

Cada membro da família fala, separadamente, como é o seu fim de semana. Pai e mãe saem para trabalhar. B brinca com uma amiga. A aproveita para descansar um pouco, arruma-se melhor e vê o namorado por mais tempo.

O pai traz explicitamente que, dada a dificuldade da situação financeira da família, não é possível eles terem horas comuns de lazer no fim de semana.

Tarefa 7:

Em relação às tarefas caseiras, pai, mãe e A dizem que se revezam de acordo com as necessidades.

A mãe queixa-se de que B fica "muito dengo - sa" na presença do pai, deixando de fazer coisas que é capaz de fazer sozinha quando ele não está. O pai diz que não acha que aquilo seja "dengo" e sim "necessidade de carinho e companhia"; e acusa a mãe de não dar carinho nem liberdade a B para brincar, "coisa de que ela necessita por ser criança". B também queixa-se da mãe.

Tarefa 8:

B diz que gosta de seus brinquedos, de suas roupas e de si mesma. A gosta de sua calma e de sua capacidade de esquecer o que lhe fazem. O pai gosta do seu modo de ser e de agir. A mãe teve muita dificuldade em falar e quando consegue fazê-lo diz: "a única coisa que eu gosto em mim é quando eles - a família - estão perto de mim". Só muito mais tarde, depois de várias solicitações, ela diz gostar de seus olhos e de sua cor que "são iguais aos do seu pai".

Tarefa 9:

Mãe e A dizem contar tudo o que se passa com elas; e a mãe fala de uma necessidade que tem, de que a pessoa que está ouvindo "fique o tempo todo olhando para ela".

O pai diz que não gosta de contar as coisas desagradáveis para não preocupar a família. A mãe e A porém reclamam disto, dizendo que gostariam de dividir o desagradável com ele.

B quase não fala e limita-se a responder o que lhe é diretamente perguntado.

Tarefa 10:

Apenas o pai reage ao empurrão empurrando também. A mãe e B "apenas xingam". A, ou foge, se a pessoa que a empurrar "estiver sem razão", ou, em caso contrário, recebe passivamente o empurrão e "ainda espera a pessoa acabar para perguntar se tem mais alguma coisa".

Tarefa 11:

A mãe dá um beijo em cada um. A chama todos ao centro da sala e os une num abraço. B faz com que todos dêem as mãos, fazendo uma roda, e começa a rodar. O pai é quem fica mais ansioso com a tarefa e não consegue parar de falar. Apesar de no final ter abraçado todos e dito que "todos eram igualmente importantes", ele só beija as filhas.

Tarefa 12:

Pai e mãe discordam mutuamente e falam sobre estas discordâncias. B discorda da mãe e cita uma situação em que diz ter ficado "pau da vida". A é quem

tem mais dificuldade em falar sobre as coisas de que dis
corda, mas consegue fazer várias queixas da mãe que, se
gundo ela, "não dá carinho às filhas e dá mais atenção às
pessoas que não são da família".

Tarefa 13:

A mãe diz que se fosse um "caldeirão" ele es
taria cheio de caldo verde; e se fosse um "baú" ele esta
ria cheio de roupas para dar para os pobres, "mais pobres
do que ela".

B diz que teria um quadro azul e água com
uma bola boiando.

O pai fala que no "caldeirão" teria arroz e
feijão e no "baú" teria roupas.

A diz que no "baú" teria dinheiro suficiente
para melhorar a situação em que estavam, e que no "cal-
deirão", "com esse frio, teria uma feijoada quentinha".

B - Discussão dos Resultados -

Para discutirmos os resultados obtidos atra-
vês da aplicação das tarefas propostas, retomaremos cada
tarefa e confrontaremos o material suscitado, por cada
uma, nas seis famílias. Procuraremos assim avaliar em
que medida cada tarefa foi compreendida pelas famílias;
pôde dar um material diversificado, em diferentes situa-
ções familiares; e foi capaz de provocar as interações

significativas desejadas. Com esses dados passaremos então a selecionar aquelas tarefas que constituirão o instrumento de avaliação que será proposto neste trabalho.

Tarefa 1: "Vamos imaginar que vocês vão passar as próximas férias juntos. Imaginem que todos vocês poderão tirar um mês de férias, na mesma época, para fazer o que vocês quiserem.

Gostaria que vocês planejassem agora, em conjunto, como vão ser essas férias".

Esta tarefa pôde mostrar-nos de uma forma clara como cada família atuou enquanto um grupo, se as diferenças e semelhanças eram respeitadas na família e como funcionava a liderança.

As famílias I, II, III e VI tiveram dificuldades em fazer um planejamento em conjunto, enquanto nas famílias IV e V as idéias foram apresentadas e discutidas, tendo seus membros conseguido chegar a uma decisão comum.

Na família IV pudemos observar a liderança do pai incentivando a participação de todos, enquanto na família VI houve uma total ausência de liderança e muita apatia.

Na família V, cada membro dá, no início, uma opinião sobre onde passar as férias que diferia da dos de

mais, e a mãe então observa: "as pessoas são diferentes, daí cada uma ter um gosto diferente". As diferenças individuais foram respeitadas, mas o pai chama a atenção para o fato de que teriam que tomar uma decisão conjunta e, depois de discutirem sobre as diferentes idéias, eles conseguiram fazer uma escolha.

Além disso pudemos observar também, nas diferentes famílias, como cada membro se comunicava e atuava, dados estes, que acrescentados a outros obtidos mais tarde, poder-nos-iam dar uma boa indicação sobre a auto-estima de cada um.

Tarefa 2: "Todo mundo, de vez em quando, faz coisas que, naquele momento, não dizem respeito às outras pessoas, por exemplo, o papai lê o jornal, a mamãe fica ocupada com as coisas da casa, as crianças brincam, etc.. Como é que você se sente quando isso acontece? Ou seja, a mamãe como se sente quando o papai está lendo o jornal? O papai como se sente quando a mamãe está ocupada? Os pais como se sentem quando as crianças estão brincando?

O mesmo é perguntado aos filhos em relação aos pais".

Todas as famílias, com exceção da I e da V tiveram dificuldade em entender a tarefa e a interpretaram inadequadamente, como se aquilo que a pessoa estivesse fazendo, que "não dizia respeito aos outros", fosse

sempre um trabalho, algo para o qual ela precisasse de ajuda. As respostas ficaram quase todas então, em torno de "acho que devo ir ajudá-la" (B e C - família II); "tenho que ajudar o outro" (Mãe - fam. III); "ele estava lendo para fugir do trabalho?" (C - fam. IV).

O objetivo principal, que era o de observar como cada pessoa, de acordo com sua auto-estima, percebe a atitude do outro, envolvido numa atividade que a excluía, ficou difícil de ser atingido. E a tarefa serviu muito mais para que as pessoas fizessem queixas umas das outras, o que ocorreu em quase todas as famílias.

Tarefa 3: "Quando você está fazendo alguma coisa, por exemplo, pegando um objeto que está muito alto, ou empurrando um móvel pesado, ou fazendo um dever de casa... e fica difícil terminar essa tarefa sozinho, o que você faz: chama alguém para ajudar, faz a coisa de qualquer jeito, desiste...?"

Nas famílias I, II, IV e V pudemos observar a relação existente entre auto-estima e a capacidade de pedir ajuda.

A família I encontra-se em tratamento familiar conosco, há três meses, e a mãe vem-se mostrando uma pessoa muito desvalorizada e insegura. Na aplicação das tarefas, ela foi o único membro da família que

disse preferir "fazer as coisas sozinha, sem a ajuda de ninguém", embora veja a participação do marido como "algo obrigatório", pois "casamento é a dois".

A família IV, que como já dissemos teve três fases de tratamento, foi também atendida por nós, desde o início, e a mãe encontra-se ainda em terapia individual conosco. Trata-se de uma pessoa com uma auto-estima muito baixa, com fortes tendências à depressão e com muita dificuldade de expressar seus sentimentos.

A resposta que ela dá a esta tarefa é a seguinte: "só peço ajuda quando ninguém pode adivinhar que eu estou precisando, mas quando eu acho que todo mundo sabe que eu preciso e se omite, aí eu só peço quando não estou aguentando mais".

A família V também submeteu-se a uma terapia familiar conosco durante nove meses, e o principal movimento observado, durante o tratamento, foi o crescente processo de auto-valorização da mãe. As tarefas foram aplicadas na família três meses depois de encerrada a terapia, e a mãe responde à tarefa 3 da seguinte forma: "houve uma época em que eu não pedia ajuda de jeito nenhum, não tinha coragem; a não ser da empregada que era paga para isso; mas agora não, eu peço, sinto que já melhorei muito".

Tarefa 4: "Que planos vocês (pais) têm para o futuro de seus filhos? Por que esses planos?

O que vocês (filhos) acham disso?"

As respostas obtidas, através desta tarefa, foram muito semelhantes em quase todas as famílias. Os pais, em geral, disseram que não faziam planos específicos para o futuro de seus filhos e a maioria deles valorizou muito o estudo: "nehum plano; faço questão apenas que estudem" (Pai - fam. I); "o melhor que um pai pode deixar para seus filhos é uma boa educação; quando ficarem maiores escolherão a carreira que lhes parecer mais fácil" (pai - fam. II); "a longo prazo não planejo nada, mas a curto prazo pretendo dar bons colégios e boas faculdades" (Pai - fam. IV).

Duas respostas entretanto chamaram a nossa atenção:

a) a que foi dada pela mãe da família I: "se eu pudesse pararia o tempo para que eles não crescessem e eu pudesse ficar sempre por perto, para ver o que estava acontecendo"; mostrando sua dificuldade de deixar os filhos crescerem e ficarem independentes, e também sua grande necessidade de controle;

b) a resposta dada pela mãe da família II, que embora tivesse dito que não tinha planos específicos para os filhos, acrescenta, em seguida, que "queria que as meninas gostassem de tocar piano e sofro porque elas

não correspondem a este meu esforço; na minha casa sempre tive piano, desde que eu era pequena, e gosto muito de tocar".

Esta foi a única resposta relacionada com o objetivo principal da tarefa, que era o de verificar, em que medida, pais, que não tendo conseguido realizar determinados desejos seus, tentariam fazê-lo através de seus filhos.

Tarefa 5: "Imagine que um amigo (ou uma amiga) combina sair com você e não aparece. No dia seguinte ele (ou ela) o procura para se justificar, mas antes, quer saber o que você achou que tivesse acontecido, ou seja, o que você imaginou como motivo para que ele não tivesse vindo.

Gostaria agora que você dissesse qual foi o motivo que você imaginou para seu amigo (ou amiga) não ter vindo".

Em todas as famílias, com exceção da família III, vários membros responderam que o motivo que imaginariam "dependeria muito do amigo e da situação". Além disso quase todas as crianças atribuíram a não vinda do amigo ao fato de "a mãe não ter deixado", e todas as pessoas, sem exceção, deram um motivo externo, não relacionado consigo mesmas, para essa não vinda: "chegou visita em sua casa" (D - fam. II); "o carro quebrou" (B - fam. V); "a

condução estava difícil" (Pai - fam. VI), etc..

Uma resposta, a essa tarefa, chamou nossa atenção. Na família V, a mãe percebeu o objetivo da tarefa - que era o de verificar em que medida as pessoas atribuiriam a não vinda do outro a um motivo diretamente relacionado a si mesmas, procurando ter, assim, dados sobre a auto-estima de cada um - e fez o seguinte comentário, dirigindo-se à terapeuta: "tenho a impressão de que você está querendo tirar alguma coisa de mim, acho que você está querendo saber se eu vou achar que a pessoa me desprezou; o que você quer ver através disto é se eu melhorei daquela situação antiga de me desvalorizar. Hoje realmente eu não imaginaria que a amiga não tivesse vindo por minha causa; em outras épocas, talvez".

Tarefa 6: "Como é um fim de semana da família?"

Através dos resultados obtidos com essa tarefa, pudemos observar não só como era a relação do casal, mas também obter alguns dados sobre a flexibilidade ou rigidez das regras familiares.

Na família I, as regras parecem ser muito rígidas: "fim de semana é sempre para fazer coisas de que as crianças gostam" (mãe), e "quem sugere o que fazer é sempre a mãe" (pai). Por outro lado, na família V, observamos regras mais flexíveis: "em geral saímos com as

meninas no fim de semana e fazemos programas sozinhos, às 6as. feiras; mas muitas vezes abrimos mão das 6as. feiras para levá-las a festinhas, que são sempre às sextas; às vezes também não saímos com elas aos domingos para fazer um programa nosso" (mãe).

Pudemos observar também como os membros da família comunicam-se e interagem. Na família II, o próprio pai diz que "não há diálogo" e "o fim de semana da família se resume a ver televisão" (C).

Sobre a relação do casal, quando os dados não eram trazidos, espontaneamente, apenas com a proposição inicial da tarefa, questionávamos sobre ela mais diretamente, perguntando: "E o casal, tem algum tempo para si?" Desta forma, tivemos sempre a oportunidade de avaliar a relação marital.

Observamos casais com grande dificuldade de interagir como marido e mulher, como na família II em que a mãe diz: "não saímos nunca sem as crianças e eu sofro muito quando estou na praia e elas não quiseram ir". Por outro lado, pudemos ver casais que não desempenham apenas o papel de pais, como é o caso da família IV, em que o pai dá a seguinte resposta: "agora temos conseguido fazer programa sozinhos e ela (mãe) se convenceu de que não deve dedicar horário integral às crianças no fim de semana; eu fui sempre contra isto".

Tarefa 7: "Gostaria de saber como vocês dividem as tarefas nesta família, ou seja, que coisas vocês (filhos) já fazem sozinhos e que coisas vocês (pais) ainda precisam fazer por eles (filhos)?"

Em quase todas as famílias predominou o tema da distribuição das "tarefas caseiras". Esta tarefa também deu muita margem a que os membros da família fizessem queixas uns dos outros. Na família I, os filhos queixam-se da mensagem contraditória dada pela mãe que "manda que escolham a roupa que eles vão colocar e depois critica essa escolha, fazendo com que troquem de roupa". Na família VI, a mãe queixa-se do pai que "deixa a filha delegosa"; o pai queixa-se da mãe que "não dá carinho, nem liberdade à filha"; e a filha queixa-se da mãe que "não faz o que promete".

Somente em duas famílias pudemos observar uma certa dificuldade das mães deixarem seus filhos crescerem. Na família III, a mãe falando a respeito de seu filho de 8 anos diz: "ele sabe tomar banho sozinho mas eu gosto de dar". Na família IV, embora o pai veja os filhos como "independentes e capazes de sobreviver sozinhos" a mãe ainda os vê como dependentes dela: "eles ainda precisam de mim para muita coisa".

Tarefa 8: "Diga de que coisas você mais gosta em você".

Através desta tarefa pudemos ver em que medida os membros da família gostam de si mesmos, em que medida eles se valorizam. Na família I, como já dissemos na discussão da tarefa 3, a mãe é uma pessoa desvalorizada e insegura. O que ela diz gostar em si mesma é do fato de "ajudar os outros", atitude de que, no momento seguinte, ela declara não gostar. Na família IV, a mãe, como já dissemos também na discussão da tarefa 3, é uma pessoa com auto-estima muito baixa e sua resposta à tarefa 8 é a seguinte: "não gosto muito de mim não, não gosto de nada em mim, ... acho que sou inteligente mas do resto não gosto não".

Nessas mesmas famílias, que já conhecemos há algum tempo através do tratamento, pudemos observar membros mais valorizados dando as seguintes respostas: "gosto da minha beleza e da minha inteligência (C - fam. IV); "gosto da vida que eu levo" (pai - fam. IV); "gosto de mim e do meu cabelo" (C - fam. I).

Tarefa 9: "Quando você chega em casa, do trabalho, do colégio ou das compras, você costuma contar como foi o seu dia? Que tipo de coisa você prefere contar? Como você acha que os outros recebem o que você conta?"

Foi difícil observar, através do material conseqüido com esta tarefa, se as regras familiares permiti-

am ou não a explicitação de todo tipo de vivência, fosse ela agradável ou não.

As respostas obtidas foram muito semelhantes em quase todas as famílias. Em geral, os pais "contam as novidades e o que aconteceu de diferente durante o dia" (famílias I, II e IV) e as crianças "têm mais facilidade de contar os êxitos e as coisas boas do que as coisas ruins" (famílias II, IV e V). Na família II ocorreu também das crianças dizerem que "contam todas as coisas em casa" e o pai acrescenta: "eu acho que, na realidade, elas não contam o que se passa, pois não há clima de diálogo na família".

Tarefa 10: "Imagine que você estava discutindo com uma pessoa qualquer de sua família, num quarto da sua casa. Em seguida, alguém chama por você, e quando você vai passar para um outro quarto, a pessoa, com quem estava discutindo, lhe dá um empurrão. O que você faz?"

Esta tarefa pôde mostrar em que medida as regras de cada família permitiam a livre expressão dos sentimentos, e também em que medida cada membro permitia-se expressar suas emoções.

Algumas famílias mostraram-se muito "controladas", parecendo-nos que suas regras impediam a livre comunicação e a livre expressão de sentimentos.

Na família I, a mãe diz que se o marido a empurrasse ela "ficaria uma onça, ia ficar ofendidíssima e ele ia ficar com remorso; ela não falaria nada com ele; ele ia ter que perceber". Nessa mesma família, o pai diz que se a mulher o empurrasse, ele "ficaria perplexo; a discussão já o abofreceria muito, quanto mais um empurrão..., mas apesar de ficar zangado ele não falaria nada com ela até ela descobrir" (que tinha ficado zangado).

Na família II, o pai e três dos quatro filhos disseram que se recebessem um empurrão "não falaria nada e deixariam para lá".

A filha de 20 anos, da família VI diz que se o pai a empurrasse e ele estivesse sem razão, ela fugia; mas se ele estivesse com razão "ela o esperaria acabar e depois ainda perguntaria se tinha mais alguma coisa além daquilo".

Por outro lado, tivemos oportunidade de observar famílias cujas regras permitiam a manifestação do sentimento de raiva, como o que ocorreu, por exemplo, com a família V cujos membros disseram, todos, que revidariam o empurrão recebido.

Tarefa 11: "Cada um de vocês vai escolher uma ou várias pessoas da família, pode ser qualquer pessoa, e vai fazer alguma coisa para mostrar a esta pessoa que você gosta dela, sem dizer uma palavra".

Os resultados desta tarefa mostraram uma maior dificuldade de expressão física do afeto nos pais do sexo masculino. Apenas um pai foi bastante espontâneo para tocar e beijar a esposa e os filhos, o que ocorreu na família IV. Na família VI, embora o pai tenha abraçado a esposa e as filhas, e beijado as filhas, ele ficou muito ansioso e teve que falar o tempo todo em que manifestava seu carinho por elas.

Os demais pais do sexo masculino não foram capazes de ter contato físico com os membros da família: na família I o pai "manda um beijo" para a mãe, "dá um sorriso" para o filho e "um adeusinho" para as filhas; na família II, o pai "dá um "tapinha" na perna" da mãe e "faz gestos rápidos" ora no cabelo, ora no nariz dos filhos; na família V, o pai "abana a mão" para todos os membros da família.

As famílias IV e VI foram aquelas que mostraram regras mais permissivas de manifestações físicas de afeto: todos os membros tocaram-se, tendo havido contato de mãos, carinho, abraços e beijos.

As famílias I e III mostraram-se com muita dificuldade de lidar com afeto e seus membros quase não

se tocaram.

Tarefa 12: "Quando a gente está em grupo, muitas vezes concorda com as coisas que as outras pessoas fazem, outras vezes discorda. Cada um de vocês vai tentar lembrar agora de uma situação em que discordou de uma pessoa da família.

Como foi essa situação?

O que você fêz (nessa situação)?"

Esta tarefa não conseguiu mostrar, na proporção esperada, em que medida as regras familiares permitiam a explicitação das discordâncias.

Mesmo assim, pudemos constatar diferenças no comportamento das famílias, em relação às possibilidades de seus membros discordarem uns dos outros.

Nas famílias IV e V, por exemplo, todos os membros ao trazerem as situações em que discordaram do outro, tentaram explicar o motivo desta discordância e defender seu ponto de vista, ao mesmo tempo em que foram capazes de ouvir o outro com seus motivos e suas refutações.

O mesmo não ocorreu, por exemplo, nas famílias I e II, cujos membros, mesmo quando discordam entre si, não conseguem falar sobre essas discordâncias.

Nestas famílias as discordâncias são vistas como negativas e as diferenças individuais não são respeitadas.

Tarefa 13: "Cada um de vocês vai imaginar que é um "caldeirão". Gostaria que me dissessem o que há dentro desse "caldeirão". Vocês podem imaginar qualquer tipo de coisa. Cada um vai dizer o que pode haver dentro do seu "caldeirão".

Na proposição inicial da tarefa utilizamos a palavra "caldeirão". Durante a aplicação da mesma na família II, como a maioria das respostas obtidas, até então, estavam relacionadas com "comestíveis" ("comidas gostosas", "batata frita", "frango assado", etc.), decidimos substituir a palavra "caldeirão" por "baú". Daí por diante, em algumas famílias utilizamos só a palavra "baú" e em outras "caldeirão ou baú". O procedimento foi o seguinte: família I, só "caldeirão"; família II e VI "caldeirão ou baú"; famílias III, IV e V, só "baú".

Mesmo assim, continuamos obtendo muitas respostas semelhantes e sete pessoas, em cinco famílias, disseram que "havia roupa dentro do seu baú".

Talvez o sucesso de Satir ao avaliar a autoestima dos membros de uma família usando a "analogia do caldeirão", tenha sido devido ao fato de ela relatar à família "toda a estória do caldeirão" de que falamos no

capítulo anterior. O que não nos era possível fazer na proposição da nossa tarefa.

Apesar de tudo isso, alguns dados sobre a auto-estima dos membros da família foram conseguidos a través da aplicação da tarefa. Na família IV, a mãe, que como já dissemos é uma pessoa desvalorizada e insegura, dá a seguinte resposta: "meu baú tem riquezas e traças; as traças comem as riquezas".

Outro fato chamou também nossa atenção. Algumas respostas foram dadas a esta tarefa num nível de "desejo", de "eu ideal". Isto ocorreu na família III, onde a mãe diz que no seu baú teria "a paz e o sossego que ela gostaria de ter e não tem", e na família II, onde a mãe diz que imaginava "uma linda panela de prata, contendo tudo de bom que possa haver no mundo; as coisas que tanto faltam: virtudes, amor, caridade... Mas eu me sinto tão cheia de coisas ruins, que fica difícil falar".

Tarefa 14: "Vocês agora vão se cumprimentar por causa do sucesso do trabalho das outras pessoas".

A intenção desta tarefa era a de dar à família uma ordem confusa e ao mesmo tempo passível de ser executada, para observarmos qual seria a reação de seus membros diante de uma situação pouco clara.

Embora estivesse previsto que explicaríamos, logo em seguida, à família o objetivo da tarefa, desfazendo assim o "mal entendido", só conseguimos aplicá-la nas duas primeiras famílias.

Na família I apresentamos a tarefa tal como proposta inicialmente. A mãe tenta explicar a "ordem confusa" recebida, mas o pai interrompe dizendo que não havia entendido.

A sensação que experimentamos ao aplicar a tarefa foi muito desagradável, provavelmente por estarmos nos comunicando de maneira incongruente e disfuncional, e não estarmos sendo totalmente "verdadeiros" com a família.

Modificamos então as instruções para a família II e, ao invés de "darmos uma ordem confusa" perguntamos o que "fariam diante de uma situação em que não estivessem entendendo alguma coisa, ou seja, diante de uma situação pouco clara".

Todos os membros disseram que perguntariam sobre aquilo que não estavam entendendo, para esclarecer a situação.

Apesar de termos modificado o planejamento inicial, continuou sendo difícil para nós, aplicar esta tarefa, que não foi mais utilizada com as famílias seguintes, não só por causa desta dificuldade, como tam-

bém por acharmos que o material, que continuaríamos ob -
tendo através dela, não seria muito discriminativo.

CONCLUSÕES

Uma vez discutidos os resultados obtidos através da aplicação das 14 tarefas, passaremos agora à seleção daquelas que constituirão a "entrevista estruturada" de avaliação das relações familiares que iremos finalmente propor.

A "tarefa 1" pretendia avaliar a capacidade dos membros da família de "planejar algo em conjunto" dando-nos assim indicação não só sobre as regras familiares, como também sobre a auto-estima de cada membro.

Os dados obtidos mostraram que a formulação da tarefa foi adequada em função do objetivo proposto, que pôde ser atingido. Foi-nos possível observar quais os membros da família que valorizavam sua própria opinião, se as regras familiares respeitavam as diferenças e semelhanças dos diferentes membros, e em que medida a família era capaz de atuar enquanto um grupo.

A "tarefa 2" tinha como objetivo verificar como cada membro da família "percebia uma determinada situação em que os outros membros estavam envolvidos com atividades pessoais", dando-nos assim indicações sobre a sua auto-estima. As pessoas com baixa auto-estima tenderiam a reagir diante desta situação, como se o outro as tivesse "rejeitado", percebendo sua atitude como uma mensagem de abandono, diretamente dirigida a elas.

A formulação da tarefa entretanto parece não ter sido adequada, pois as famílias estudadas tiveram muita dificuldade em entendê-la e interpretá-la. Talvez a forma muito longa de expor a situação e a utilização da palavra "ocupada", que pode ser interpretada de várias maneiras, tenham colaborado para o aparecimento dessa dificuldade.

Todavia não afastamos a hipótese de que a auto-estima do indivíduo influencia sua percepção do mundo e sua interação com as pessoas. Apenas fica inconclusiva, no momento, qualquer afirmação sobre a tarefa, cuja formulação pode ter prejudicado os resultados.

A "tarefa 3" pretendia verificar a capacidade dos membros da família de "pedir ajuda" e, a partir daí, avaliar a auto-estima de cada um. As pessoas mais valorizadas sentir-se-iam mais livres para solicitar o auxílio do outro.

Houve adequação na formulação da tarefa, que nos permitiu diferenciar as pessoas que eram capazes de pedir ajuda das que não eram capazes de fazê-lo; levando-nos a avaliar a auto-estima destas como mais baixa do que a daquelas.

Além disso, o fato de já termos dados anteriores, obtidos através da terapia, sobre a auto-estima de alguns membros de determinadas famílias, deu-nos maiores evidências de que realmente as pessoas que se auto-

desvalorizam têm maior dificuldade em "pedir ajuda".

O objetivo da "tarefa 4" era o de verificar em que medida os pais desejavam que seus filhos fossem "extensão deles mesmos", desejo este que estaria relacionado com uma auto-desvalorização dos pais, que procurariam assim, através dos filhos, aumentar sua auto-estima. Os resultados obtidos entretanto foram muito semelhantes, em quase todas as famílias, não nos permitindo chegar a uma conclusão.

A formulação muito direta da tarefa provocou uma atitude defensiva nos pais, uma vez que é mais ou menos "sabido" que eles não deveriam interferir no futuro de seus filhos. Talvez na tentativa de serem adequados, a maioria deles tenha respondido afirmando não ter planos para o futuro dos filhos.

Provavelmente se a tarefa tivesse sido formulada de maneira menos direta - por exemplo, como vocês imaginam que seus filhos serão no futuro? - os dados desejados pudessem ter sido obtidos.

A "tarefa 5" também não atingiu seu objetivo, que era o de verificar como cada membro da família interpretaria "a não vinda de um amigo com quem combinara sair". Através da interpretação de cada um, pretendíamos avaliar sua auto-estima, considerando que o indivíduo com baixa auto-estima tenderia a atribuir a "não vinda" do amigo a um

motivo diretamente relacionado a si próprio, sentindo-se abandonado e rejeitado por ele.

Os dados obtidos foram muito pouco discriminativos e quase todos os membros das famílias responderam que sua reação "dependeria da pessoa" que não veio e "das circunstâncias" pelas quais ela não veio. Estas respostas parecem mostrar que as expressões "um amigo" e "sair com você", colocadas pela tarefa, talvez tenham sido muito vagas e tenham contribuído para que as pessoas deixassem de se envolver com a situação. Provavelmente uma colocação como, "um amigo íntimo havia se comprometido a fazer algo importante com você", teria mobilizado reações significativas nos diferentes membros da família.

Um dos principais objetivos da "tarefa 6", que indaga sobre o fim de semana da família, era o de fazer uma avaliação da "relação marital", embora outros dados relacionados com as regras familiares pudessem também ser obtidos.

Os propósitos da tarefa foram atingidos e pudemos claramente discriminar os pais que têm algum tempo para si, como casal, daqueles que vivem apenas em função dos filhos. Além disto foi-nos possível também obter dados sobre a flexibilidade ou a rigidez das regras familiares.

Gostaríamos de ressaltar uma diferença verificada nos resultados obtidos com as famílias que já haviam sido tratadas e aquelas que foram atendidas pela primeira vez. Nas primeiras, observamos casais mais integrados como homem-mulher, não desempenhando apenas a função de pais, e constatamos também regras familiares mais flexíveis.

A "tarefa 7" pretendia verificar em que proporção os pais eram capazes de "permitir o crescimento de seus filhos", dando-nos assim, numa certa medida, indicações sobre a auto-estima de cada pai. Pais com baixa auto-estima tenderiam a impedir este crescimento, por necessitarem de que os filhos continuassem dependentes deles, para sentirem-se assim úteis e importantes.

A forma como a tarefa foi proposta, todavia, não parece ter sido adequada. A expressão, "como são divididas as tarefas na família", foi interpretada, em quase todos os casos, por "tarefas caseiras", não sendo possível assim obter os dados significativos desejados.

A intenção da tarefa continua a nos parecer válida. Talvez os resultados pudessem ser mais satisfatórios se a palavra "tarefas" fosse substituída, na situação proposta, por "funções".

Com a "tarefa 8" pretendíamos verificar, em cada membro da família, "os traços de sua personalidade por ele avaliados positivamente", buscando assim obter dados sobre a auto-estima de cada um. O indivíduo capaz de perceber coisas boas em si mesmo, gostar delas e falar sobre elas, teria um sentimento de valor positivo em relação a si mesmo, ou seja, uma alta auto-estima.

A formulação da tarefa foi adequada e pudemos, através dos resultados obtidos, avaliar a auto-estima dos diferentes membros da família. Foi-nos possível também constatar como determinados membros, cuja auto-valorização já conhecíamos anteriormente, através do tratamento, demonstraram grande dificuldade em gostar de alguma coisa em si mesmos.

O objetivo da "tarefa 9" era o de verificar se as regras familiares permitiam a "explicitação tanto de vivências de êxito como de insucesso". Todavia em quase todas as famílias as respostas foram muito semelhantes e os dados esperados não foram obtidos.

Aqui também, como na tarefa 4, o problema parece estar na formulação muito direta da tarefa, que pode ter provocado uma atitude defensiva nos membros da família, uma vez que é também mais ou menos "sabido" que é esperado deles que conversem, uns com os outros, sobre "o que aconteceu durante o dia".

Continuamos achando válido o objetivo da tarefa e acreditamos que, se as regras da família forem permissivas e flexíveis, haverá mais lugar para que seus membros possam falar de qualquer tipo de experiência. Todavia a tarefa proposta foi inadequada para fazermos tal verificação.

A "tarefa 10" pretendia verificar se as regras familiares permitiam a "livre expressão dos sentimentos, inclusive a expressão do sentimento de raiva".

A situação colocada foi adequadamente compreendida pelos membros da família e provocou as interações significativas desejadas. Pudemos observar, por um lado, famílias muito "controladas" e, por outro, famílias "permissivas" - em relação à livre expressão dos sentimentos, inclusive à expressão da raiva.

A "tarefa 11" era a única tarefa especificamente não verbal, dentre as propostas, e seu objetivo era o de verificar se as regras familiares permitiam o "contato físico como expressão de afeto".

Houve adequação na formulação da tarefa que conseguiu levar os membros da família a interagirem de forma tal, que permitiu avaliar sua capacidade de "expressar fisicamente o afeto".

Nos resultados obtidos dois fatos chamaram nossa atenção: (1) a constatação de uma maior dificuldade

de de expressão física do afeto nos pais do sexo masculino, em todas as famílias, e (2) a maior facilidade em ter contatos físicos, demonstrada pelas famílias que já haviam sido tratadas.

Com a "tarefa 12" pretendíamos verificar se as regras da família permitiam a "contestação e a discordância entre os seus membros".

Todavia a forma como a tarefa foi colocada para a família, praticamente em duas etapas, parece não ter sido muito adequada. Inicialmente solicitamos que cada um falasse de uma "situação em que havia discordado" de qualquer um dos outros membros e, em seguida, perguntamos o que cada um "fez nessa situação". Na maioria dos casos, os membros da família responderam apenas à primeira parte da tarefa que propiciou a narração de "longas estórias" e o aparecimento de "muitas queixas", distanciando-nos assim do objetivo esperado. Provavelmente se tivéssemos solicitado a cada membro da família que falasse de "uma situação em que discordou de um outro membro, e como manifestou esta discordância", os resultados obtidos teriam sido mais significativos.

O objetivo da "tarefa 13" era o de verificar "projetivamente" qual a imagem que cada membro da família fazia de sua pessoa, e a partir daí avaliar sua auto-estima. Pedíamos que cada um se imaginasse um "caideirão" ou um "baú", e falasse do que haveria dentro de

le".

Todavia, a utilização das palavras "caldeirão" e "baú" parece não ter sido adequada, pois as respostas obtidas, em quase todas as famílias, foram muito semelhantes, o que não nos permitiu fazer as discriminações desejadas.

Provavelmente se tivéssemos escolhido para utilizar na tarefa, uma palavra menos "contaminada", como por exemplo, "um recipiente" - "um grande recipiente vazio" - o objetivo da tarefa tivesse sido atingido de forma mais satisfatória, no sentido de levar os membros da família a darem dados sobre seus sentimentos em relação a si mesmos, ou seja, manifestarem sua auto-estima.

A "tarefa 14" pretendia dar à família uma "ordem confusa" mas, ao mesmo tempo, passível de ser executada, buscando avaliar assim a "reação de seus membros diante de uma situação pouco clara". A intenção era verificar se as regras familiares permitiam a busca de esclarecimentos diante de uma "ambiguidade" ou de um "mal entendido".

Este objetivo entretanto não foi atingido. Por um lado, foi muito difícil para nós aplicarmos esta tarefa - que envolvia uma comunicação obscura - e só a utilizamos com duas famílias. Por outro lado, a formulação da tarefa também não nos pareceu adequada pois a

"ordem" dada talvez não fosse tão confusa assim. Os membros da família poderiam ter interpretado o tal "sucesso" mencionado na tarefa (e que pretendia não ter lógica) como o sucesso do trabalho feito durante a sessão ou algum sucesso de véspera, realizado por alguns deles.

A intenção da tarefa porém continua a nos parecer válida, desde que a mesma seja apresentada de uma forma adequada, de modo a criar a "situação confusa" desejada.

Tendo em vista as considerações acima expostas, selecionamos as tarefas 1, 3, 6, 8, 10 e 11 para constituírem o instrumento que buscávamos. Propomos então a seguinte "entrevista estruturada" para a avaliação das relações familiares, objetivo último deste trabalho:

Tarefa 1: "Vamos imaginar que vocês vão passar as próximas férias juntos. Imaginem que todos vocês poderão tirar um mês de férias, na mesma época, para fazer o que vocês quiserem.

Gostaria que vocês planejassem agora, em conjunto, como vão ser essas férias".

Tarefa 2: "Quando você está fazendo alguma coisa, por exemplo, pegando um objeto que está muito alto, ou empurrando um móvel pesado, ou fazendo um dever de casa,... e fica difícil terminar essa tarefa sozinho, o que você faz; chama alguém para ajudar, faz a coisa de qualquer jeito, desiste,...?"

Tarefa 3: "Como é um fim de semana da família?"

Tarefa 4: "Diga de que coisas você mais gosta em você".

Tarefa 5: "Imagine que você estava discutindo com uma pessoa qualquer de sua família, em um quarto de sua casa. Em seguida alguém chama por você, e quando você vai passar para um outro quarto, a pessoa com quem estava discutindo lhe dá um empurrão. O que você faz?"

Tarefa 6: "Cada um de vocês vai escolher uma ou várias pessoas da família, pode ser qualquer pessoa, e vai fazer alguma coisa para mostrar a essa pessoa que você gosta dela, sem dizer uma palavra".

A construção deste instrumento é apenas um trabalho preliminar que, como já dissemos, deverá ser continuado sobretudo em dois sentidos: (1) na investigação de outras áreas importantes da dinâmica familiar, além da auto-estima e das regras familiares; e (2) na realização de um estudo experimental com amostragem significativa e com tratamento estatístico, visando a validação do instrumento proposto.

BIBLIOGRAFIA

1. Ackerman, N.W., Psicoterapia de la Familia Neurótica, Ediciones Horné, B.A., 1969.
2. Ackerman, N.W. et al., Teoria y Practica de la Psicoterapia Familiar, Editorial Proteo, B.A., 1970.
3. Ackerman, N.W., Diagnostico y Tratamiento de las Relaciones Familiares, Ediciones Horné, B.A., 1971.
4. Ackerman, N.W., "Family Psychotherapy Today", in Family Process, 1970,9,2.
5. Ackerman, N.W., "Child Participation in Family Therapy", in Family Process, 1970,9,4.
6. Bateson, G. et al., "Toward a Theory of Schizophrenia", Behavioral Science, vol. 1, 1956, citado em (43).
7. Bateson, G. et al., Interacción Familiar, Editorial Tiempo Contemporaneo, B.A., 1971.
8. Bauleo, A.J., Ideologia, Grupo y Familia, Ediciones Kargieman, B.A., 1970.
9. Beels, C.C. & Ferber, A., "Family Therapy: A View" in Family Process, 1969,8,2.
10. Bell, J.E., "The Future of Family Therapy", in Family Process, 1970,9,2.
11. Berlo, D.K., O Processo da Comunicação, Editora Fundo de Cultura, S.P., 1968.
12. Bertalanffy, L.V., Teoria Geral dos Sistemas, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.
13. Cooper, D., La Muerte de la Familia, Editorial Paidós, B.A., 1971.

14. David, Jr., E.E., Piel, E.J. & Truxal, J.G. (eds.), The Man-Made World, McGraw-Hill Books Company, N.Y., 1971.
15. Erickson, E.H., Identidad, Juventud y Crisis, Editorial Paidós, B.A., 1968.
16. Flugel, J.C., Psicoanálisis de la Familia, Editorial Paidós, B.A., 1972.
17. Ford, F.R. & Herrick, J., "Family Assessment Via Videotaped Interview", Project V, Annual Meeting of the American Psychiatric Association, Washington, 1971.
18. Gurman, A.S., "Marital Therapy: Emerging Trends in Research and Practice", in Family Process, 1973, 12,1.
19. Haley, J. (ed.), Changing Families, Grune & Stratton, N.Y., 1971.
20. Hall, A.D. & Fagen, R.E., "Definition of System", General Systems Yearbook, 1, 1956, citado em (43).
21. Henry, J., Pathways to Madness, Vintage Books, N.Y., 1973.
22. Jackson, Don D., "The Question of Family Homeostasis", Psychiatric Quarterly Supplement, 31, 1957, citado em (43).
23. Jackson, Don D., & Riskin, J., Progress Report for "Methodology for Analyzing Family Interaction", P.H.S. Grant 04916-02, 1963, citado em (39).
24. Jackson, Don D., (comp.), Etiologia de la Esquizofrenia, Amorrortu Editores, B.A., 1974.
25. Katz, D. & Kahn R.L., Psicologia Social das Organizações, Editora Atlas, S.P., 1970.

26. Kwiatkowska, H.Y., "The use of Families Art Productions for Psychiatric Evaluation", Bulletin of Art Therapy, 1967,6,2.
27. Kwiatkowska, H.Y., "Family Art Therapy", in Family Process, 1967,6,1.
28. Laing, R.D., El Cuestionamiento de la Familia, Editorial Paidós, B.A., 1969.
29. Lidz, T., The Family and Human Adaptation, Universities Press, N.Y., 1971.
30. Mann, J. & Starr, S., "The Self-Report Questionnaire as a Change Agent in Family Therapy", in Family Process, 1972,11,1.
31. Max, Melvin H. (ed.), Theories in Contemporary Psychology, The Macmillan Company, N.Y., 1965.
32. Mosher, L.R. & Kwiatkowska, H.Y., "Family Art Evaluation", in The Journal of Nervous and Mental Disease, 1971,153,3.
33. Olson, D.H., "Empirically Unbiding the Double Bind: Review of Research and Conceptual Reformulations", in Family Process, 1972,11,1.
34. Papp, P. et al., "Family Sculpting in Preventive Work with "Well Families"", in Family Process, 1972, 12,2.
35. Prigogine, I., Étude Thermodynamique des Phénomènes Irréversibles, Dunod, Paris, 1947.
36. Prigogine, I., Introduction to Thermodynamic of Irreversible Processes, Wiley, N.Y., 1965.
37. Raush, H.L., "Process and Change - A Markov Model for Interaction", in Family Process, 1972,11,3.

38. Rogers, C.R., Client-centered therapy, The Riverside Press, Cambridge, Massachusetts, 1951.
39. Ruesch, J., Comunicación Terapéutica, Editorial Paidós, B.A., 1964.
40. Satir, V., Conjoint Family Therapy, Science and Behavior Books, California, 1967.
41. Satir, V., Peoplemaking, Science and Behavior Books, California, 1972.
42. Simon, R.M., "Sculpting the Family", in Family Process, 1972,11,1.
43. Sorrells, J.M. & Ford, F.R., "Toward an Integrated Theory of Families and Family Therapy", in Psychotherapy: Theory, Research and Practice, 1969,6,3.
44. Speck, R. y Attneave, C., Redes Familiares, Amorrortu Editores, B.A., 1974.
45. Speer, D.C., "Family Systems: Morphostasis and Morphogenesis, or Is Homeostasis Enough?", in Family Process, 1970,9,3.
46. Tashman, H.S., La Familia Neurotica de Nuestro Tiempo, Editorial Psique, B.A., 1972.
47. Watzlawick, P., "A Structured Family Interview", in Family Process, 1966,5.
48. Watzlawick, P. et al., Pragmática da Comunicação Humana, Editora Cultrix, S.P., 1973.
49. Wells, C.A., "The Conjoint Family Diagnostic Interview and the Family Index of Tension", in Family Process, 1973,12,2.
50. Wells, R.A., "The Results of Family Therapy: A Critical Review of the Literature", in Family Process, 1972,11,2.
51. Winnicott, D.W., The Family and Individual Development, Social Science Paperbacks, London, 1968.

Tese apresentada ao Departamento
de Psicologia da Pontifícia Uni-
versidade Católica do Rio de Ja-
neiro, fazendo parte da Banca Exa-
minadora os seguintes professores:

Lucia Ripper

Prof. Lucia Maria Santos Ripper

Carlos Paes de Barros

Prof. Carlos Paes de Barros

Hanna Yaxa Kwiatkowska

Prof. Hanna Yaxa Kwiatkowska

Aprovada e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1975

Stella Cecilia Duarte
Coordenadora dos Programas de Pós-Gradua-
ção e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas

